

**LISANDRA TRENTO**

**A POSTERIORIZAÇÃO /ÕW/ NA ALTERNÂNCIA FÔNICA DO DITONGO NASAL  
/ÃW/ NA FALA DE INFORMANTES BILÍNGÜES DE TERCEIRA IDADE DO MU-  
NICÍPIO DE TREZE DE MAIO (SC) – EVOCAÇÃO DA TRADIÇÃO ÍTALO-  
BRASILEIRA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem.

Universidade do Sul de Santa Catarina.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Mariléia Reis.

**TUBARÃO, 2006**

LISANDRA TRENTO

**COLOCAR FOLHA ASSINADA PELAS PESSOAS DA BANCA**

**A POSTERIORIZAÇÃO /ÕW/ NA ALTERNÂNCIA FÔNICA DO DITONGO NASAL  
/ÃW/ NA FALA DE INFORMANTES BILÍNGÜES DE TERCEIRA IDADE DO MU-  
NICÍPIO DE TREZE DE MAIO (SC) - EVOCAÇÃO DA TRADIÇÃO ÍTALO-  
BRASILEIRA**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão – SC, julho de 2006.

---

Profa. Dra. Mariléia Reis

UNISUL - Universidade do Sul de Santa Catarina

---

Profa. Dra. Odete Pereira da Silva Menon

UFPR- Universidade Federal do Paraná

---

Prof. Dr. Wilson Schuelter

UNISUL – Universidade do Sul de Santa Catarina

---

Profa. Dr. Fábio José Rauen (Suplente)

UNISUL – Universidade do Sul de Santa Catarina

*Dedico este trabalho aos meus pais: pessoas muito importantes na minha vida:*

*Vocês deixaram seus sonhos para que eu sonhasse;*

*Derramaram lágrimas para que eu fosse feliz;*

*Perderam noites de sono para que eu fosse feliz;*

*Acreditaram em mim, apesar dos meus erros.*

## **AGRADECIMENTOS**

*A Deus, a quem me deu a vida para que eu pudesse amar;  
Aos meus Pais Waldir e Zuleide, que me fizeram amar,  
para que pudesse aprender;  
Aos meus irmãos Guilherme e Eduardo, que estiveram u-  
nidos nos momentos difíceis e felizes;  
A minha tia Izolda, por não ter medido esforços para que  
eu concretizasse este sonho;  
Aos meus amigos e familiares, que compartilharam os a-  
nos de estudos e expectativas de vitória;  
Aos mestres e em especial a professora Mariléia, que me  
ensinou para que eu pudesse ter a esperança nos designos  
humanos;  
E a todos que de uma forma ou outra conviveram e incen-  
tivaram-me na jornada. Este momento traduz o esforço e o  
carinho de todos a quem me dedico e agradeço de forma  
especial.*

*“O serviço mais útil que os lingüistas podem prestar hoje é varrer a ilusão da ‘deficiência verbal’ e oferecer uma noção mais adequada das relações entre dialetos padrão e não – padrão.”*

*(William Labov)*

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivos analisar a fala dos informantes de terceira idade (65 a 83 anos) de Treze de Maio (SC), a partir da descrição da ocorrência da alternância fônica do ditongo nasal [ãw] que se realiza como /aw/, /õw/ e /ũw/, em vocábulos monossílabos e no final de vocábulos oxítonos. Esta pesquisa propõe-se entender melhor a diversidade lingüística e as particularidades deste grupos falantes. A hipótese norteadora desse estudo é a de que a variante de traço mais posterior, que é a que se realiza como /õw/, deve ser a mais recorrente na fala destes imigrantes, uma vez que esta posteriorização /õw/ do ditongo nasal anterior /ãw/ é a variante mais característica do idioma italiano (europeu) na articulação do respectivo ditongo. O modelo teórico-metodológico adotado tem como base a Sociolingüística de Willian Labov, no que diz respeito à Teoria da Variação e Mudança Lingüística, além do subsídio (também teórico) da Proposta Curricular de Santa Catarina/1998, que trata de situar o ser humano como *um ser que produz história e é condicionado pelo fenômeno histórico*, o que justifica entendermos que as diferenças *individuais devem sempre ser consideradas observando-se as determinações sociais provenientes de instituições legitimadas* (p. 15).

**Palavras-chave:** Sociolingüística, variação lingüística, imigrantes ítalo-brasileiros.

## ABSTRACT

The objective of this dissertation is to check the speech of elderly interviewees from Treze de Maio (SC), regarding the occurrence of nasal diphthong phonics alternation /ãw/ sounding like /aw/, /õw/ e /ũw/, in monosyllable vocables and in the end of oxytone vocables. This research was carried out so as to better understand the linguistics diversity as well as the particularities of elderly people. The hypothesis guiding this study is the one stating that the uppermost trace variant, sounding like [õw], must be the one mostly used in the speech of these immigrants, since this /õw/ posterior sound of the anterior nasal diphthong /ãw/ is the most characteristic variant of the European Italian Language to articulate the respective diphthong. The theoretical-methodological model adopted is based on William Labov's Sociolinguistic towards the theory of Variation and Linguistic Change, and the (also theoretical) Proposta Curricular de Santa Catarina/1998, dealing with human beings as creatures making history and yet subject to historic phenomenon what make understand that individual differences must always be considered by focusing on social assessment deriving from legitimate institutions.

**Keywords:** Sociolinguistic, Linguistic Variation, Italian- Brazilian immigrants

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Aparelho Fonador. ....	28
Figura 2 – Língua.....	31



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
1.1	BILINGÜISMO E BILINGUALIDADE NA FALA DOS IMIGRANTES ITALIANOS DE TREZE DE MAIO (SC).....	14
1.2	JUSTIFICATIVA.....	16
1.2.1	<i>Ensino de língua portuguesa nos níveis fundamental e médio: carência de descrição estrutural</i>	16
1.2.2	<b>OBJETIVO GERAL E HIPÓTESE</b> .....	18
1.2.3	<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b> .....	18
1.2.4	<b>HIPÓTESE</b> .....	20
<b>2</b>	<b>CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA.....</b>	<b>21</b>
2.1	O ITALIANO FALADO NO BRASIL E A REPRESSÃO LINGÜÍSTICA DE VARGAS .....	21
	2. 1. 1 Repressão lingüística.....	23
2.2	PROPOSTA CURRICULAR DE SANTA CATARINA.....	24
2.3	FONÉTICA E FONOLOGIA.....	26
	2.3.1 <i>Fonemas do português</i> .....	30
	2.3.2 <i>Ditongos</i> .....	34
<b>3</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>35</b>
3.1	SOCIOLINGÜÍSTICA.....	35
3.2	TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICA.....	38
	3.2.1 <i>Variação nível fonético-fonológico em Labov</i> .....	40
	3.2.2 <i>Bilingüismo e bilingualidade: o contato multiétnico e a linguagem</i> .....	41
	3.2.3 <i>Línguas em contato</i> .....	42
	3.2.4 <i>Misturas de línguas, alternâncias de código e estratégias lingüísticas</i> .....	43
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>44</b>
4.1	LINHA E GRUPO DE PESQUISA LIGADOS A ESTA DISSERTAÇÃO .....	44
4.2	DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS CONTROLADAS .....	46
	4.2.1 <i>Variável dependente</i> .....	47
	4.2.2 <i>Variáveis independentes</i> .....	47
	4.2.2.1 <b>DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES LINGÜÍSTICAS</b> .....	47
	4.2.2.2 <b>DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES EXTRALINGÜÍSTICAS</b> .....	48
4.3	PROCEDIMENTO METODOLÓGICO .....	51
<b>5</b>	<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS .....</b>	<b>55</b>
5.1	(IN)SIGNIFÂNCIA DO CONTROLE DOS CONTEXTOS LINGÜÍSTICOS E EXTRALINGÜÍSTICOS .....	60
	5.1.1 <i>Controle dos contextos lingüísticos</i> .....	60
	5.1.2 <i>Controle dos contextos extralingüísticos</i> .....	61
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>64</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>73</b>
	<b>ANEXO A – MAPA DE TREZE DE MAIO .....</b>	<b>79</b>
	<b>ANEXO B – MAPA DA REGIÃO SUL DE SANTA CATARINA .....</b>	<b>80</b>
	<b>TREZE DE MAIO (SC) –LOCALIZAÇÃO E CARACTERÍSTICAS .....</b>	<b>80</b>
	<b>ANEXO C - PROJETO ALERS .....</b>	<b>81</b>
	<b>ANEXO D- AMOSTRA DE DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS DO DITONGO .....</b>	<b>83</b>
	<b>ANEXO E– AMOSTRA DE DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS DOS DITONGOS NA</b>	
	<b>INTERLOCUÇÃO COM OS DEMAIS INFORMANTES .....</b>	<b>87</b>
	<b>ANEXO F- DADOS PESSOAIS DOS INFORMANTES DE TERCEIRA IDADE .....</b>	<b>91</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação trata da análise e descrição da alternância fônica do ditongo nasal /ãw/ que se realiza como /aw/, /õw/ e /ũw/, em vocábulos monossílabos e no final de vocábulos oxítonos<sup>1</sup>, como em (1), abaixo, tão comum na fala espontânea de moradores de terceira idade (65 a 83 anos) do município de Treze de Maio (SC), na sua maioria, descendentes de primeira e segunda geração de imigrantes italianos<sup>2</sup> que fixaram moradia nesta região da AMUREL<sup>3</sup>:

(1) ‘então’ ~ <sup>4</sup>‘entaw’, ‘entõw’ e ‘entũw’

Pretendemos contribuir para uma melhor compreensão dos fenômenos lingüísticos em variação dispostos na gramática descritiva do português brasileiro contemporâneo, e também firmar um dos objetivos norteadores da Proposta Curricular de Santa Catarina (1998; 2005), o que trata de situar o ser humano como um ser que produz história e é condicionado pelo fenômeno histórico. Segundo a Proposta, as diferenças individuais devem sempre ser consideradas observando-se as determinações sociais provenientes de instituições legitimadas. Nesses termos, acreditamos que as práticas de linguagem instanciadas na escola sejam contextualizadas a partir do contexto sócio-histórico-cultural em que o aluno (no caso, de Treze de Maio) está inserido. Além do mais, pretendemos diminuir a tão grande ausência de divulgação científica de material descritivista do português brasileiro para fins didáticos, a partir de ‘saberes teóricos de referência’.

---

<sup>1</sup> Os vocábulos monossílabos e os oxítonos analisados eram, na sua maioria, de natureza nominal. Da categoria verbal, encontramos apenas dois: ‘von’, de vão e o ‘ton’ de estão.

<sup>2</sup> Em Treze de Maio, cerca de 85% da população é descendente de imigrantes italianos. Na população de terceira idade, este índice é superior a 95%.

<sup>3</sup> Município das AMUREL (Associação dos municípios da região de Laguna): Armazém, Braço do Norte, Capivari -de- Baixo, Grão-Pará, Imaruí, Imbituba, Jaguaruna, Laguna, Orleans, Pedras Grandes, Rio Fortuna, Sangão, Santa Rosa de Lima, São Ludgero, Treze de Maio e Tubarão.

<sup>4</sup> O símbolo ~ significa: que se realiza.

Abaixo, um dos objetivos de natureza histórico-filosófica norteador da Proposta Curricular de Santa Catarina sobre os quais pretendemos nos firmar:

“Como eixos norteadores estabeleceu-se, na PC: que o ser humano produz história e é condicionado pelo fenômeno histórico; que o conhecimento produzido é patrimônio coletivo, e, portanto direito de todos; que a socialização do conhecimento pressupõe políticas educacionais capazes de concretizar esse direito, evitando a concentração dele nas mãos de poucos. A concepção de aprendizagem integrada ao projeto é a histórico-cultural ou sociointeracionista – trazendo a questão de como as interações sociais agem na formação das funções psicológicas superiores. As diferenças individuais devem sempre ser consideradas observando-se as determinações sociais provenientes de instituições legitimadas. Como tal, o conhecimento está impregnado do humano e é pela mediação humana que ele se consolida individualmente, possibilitando que se atinja o desenvolvimento necessário para o exercício da cidadania”. (PROPOSTA CURRICULAR DE SANTA CATARINA, 1998, p. 16 – *apud* FURLANETTO, 2002, p. 1)

As orientações da Proposta Curricular voltadas para as aulas de Língua Portuguesa (e sobre as quais pretendemos nos firmar nesse estudo) fazem-se em eixos organizadores, a partir das dualidades *fala/escrita*, *leitura/escritura*, associadas às concepções de *língua/estrutura* e de *língua-acontecimento*, com o objetivo de reestruturar o ensino e a aprendizagem de gramática:

“A prática de reflexão sobre a **língua usada** leva a perguntar sobre o que pode constituir conteúdo a partir dos textos ouvidos, lidos, produzidos. Em Língua Portuguesa não se determinam conteúdos nem eles foram divididos por série ou por nível – antes foram focalizadas possibilidades a partir dos eixos norteadores. Eis alguns exemplos: *interação verbal*: imagens e representações do outro nos textos; ***abordagem da diversidade lingüística em textos escritos e na fala***: aspectos regionais, uso familiar, gíria; ***influências da imigração***; *padrões de escrita*: *procedimentos de argumentação no uso oral*; *adequação formal e discursiva*; *seleção lexical*: *seleção de gênero e tipos (ou formas) seqüenciais que aí aparecem*; *paráfrase*; *uso de recursos eletrônicos para documentação e análise...*” (PROPOSTA CURRICULAR DE SANTA CATARINA, *apud* FURLANETTO, 2002, p. 4) (Grifo nosso)

Conforme ressalta a Proposta Curricular de Santa Catarina, o estudo do português foi dividido em eixos norteadores: ouvir, falar, ler e escrever não em conteúdos específicos, pré-estabelecidos, sempre pautados na reflexão da língua em uso, sem excluir sua diversidade na fala e influência de fatores sociais, como a etnia, por exemplo.

Como sabemos, embora hoje os descendentes destes imigrantes (nossos alunos) que cursam os ensinos fundamental e médio não costumem empregar esta variação fônica nas práticas de linguagem do contexto escolar, sabemos que, no ambiente familiar, nos encontros religiosos, nas festas típicas e principalmente no trabalho do campo, por exemplo, estes estudantes convivem com tais variantes fônicas. E as aceitam.

Uma das propostas desta pesquisa é oferecer explicações sócio-histórico-culturais para esta geração atual de descendentes, que, muitas vezes, se sentem constrangidos com a fala de seus familiares quando estes precisam comparecer no seu contexto escolar, por exemplo.

Por outro lado, também sabemos que na área da lingüística, muitos são os estudos desenvolvidos sobre a descrição fonético-fonológica do português brasileiro, a exemplo podemos citar o projeto ALERS<sup>5</sup> (Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil), de iniciativa das Universidades Federais de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul (KOCH, 2002).

Entretanto, não dispomos ainda de uma completa descrição estrutural da língua falada que contemple as diferentes regiões do Brasil, especificamente de mapeamentos lingüísticos que possam orientar o estudo e a compreensão do multilingüismo que constituem as manifestações lingüísticas dos falantes de toda a região do Sul de Santa Catarina. Por exemplo: nos municípios da AMUREL, tem-se a constituição de grupos pluriétnicos de origem européia (predominantemente de etnia italiana, alemã e açoriana) e de natureza local (índios). Em Treze de Maio, cerca de 85% da população é descendente de imigrantes italianos, por isso, neste município, o século XX foi marcado pelo bilingüismo destes descendentes italianos, ítalo-brasileiros e brasileiros. A língua nas instituições escolares antes da Era Vargas, tinha que ser o italiano que era a língua oficial naquela época, devido a população local ser na sua maioria

---

<sup>5</sup> O Atlas Lingüístico- etnográfico da Região Sul do Brasil, ALERS, tem como gênese os mapas decorrentes de longas viagens de campo para os lugares mais recônditos da área em estudo, representada pelo Rio Grande do Sul (com 95 pontos de inquérito), Santa Catarina (80 pontos) e Paraná (100 pontos). O ALERS é hoje, aliás, o único Atlas lingüístico brasileiro a abranger mais de um Estado Federativo, fato que lhe confere a possibilidade de delimitar áreas lingüísticas para além dos limites políticos interestaduais (KOCH, 2002).

de colonizadores vindos da região de Belugno na Itália.

Os estudos da linguagem têm apontado que o comportamento lingüístico constitui-se, de fato, um indicador de estratificação social, como, por exemplo, a distribuição multiétnica em certas regiões do país. Segundo Bortoni-Ricardo (2005), os grupos sociais são diferenciados pelo uso da língua: *pode-se afirmar que a distribuição injusta de bens culturais, principalmente das formas valorizadas de falar, é paralela à distribuição iníqua de bens e de oportunidades* (p. 14).

No Brasil, acrescenta Bortoni-Ricardo, as diferenças lingüísticas socialmente condicionadas não costumam ser consideradas com relevância pela escola. Na instituição escolar, o ensino volta-se para a língua da cultura dominante (a língua-padrão), o que se afasta desse código é desconsiderado:

“O ensino sistemático da língua é de fato uma atividade impositiva. Para alguns estudiosos, há mesmo uma incompatibilidade entre uma democracia pluralista e a padronização lingüística. Isto fica mais evidente em países plurilíngües, onde os falantes de línguas minoritárias têm de aprender e usar, em muitos domínios, a língua majoritária. Mas, nestes países, os grupos étnicos minoritários têm feito valer seus direitos e as escolas, desenvolvidos métodos de ensino bilíngüe ou bidialetal, comprometidos com o respeito e a preservação das características lingüístico-culturais desses grupos” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 14).

Diante da constatação que se tem de que o ensino no Brasil ainda considera monolíngüe a fala de seus habitantes e, por extensão, a de seus alunos, acredita-se que a escola precisa considerar as diferenças sociolingüísticas existentes na população cada vez mais heterogênea, desenvolvendo métodos de ensino bilíngüe ou bidialetal, respeitando-se assim as características culturais e lingüísticas de cada grupo (Oliveira, 2000).

É preciso realçar nas pesquisas científicas da linguagem que os professores e, por meio deles, os alunos, têm que estar conscientes de que a língua é um conjunto heterogêneo de diferentes variedades. Nesses termos, a escola deve situar a língua padrão como mais uma das variedades da sistematicidade da língua, evidenciando as variedades da língua e suas funções bem específicas de intercâmbio social. Se esta for a prática lingüística no contexto escolar,

fica evidenciado que o uso da língua padrão se firma em situações mais formais de fala e também nas atividades escritas.

Nesta pesquisa, as alternâncias fônicas de ‘não’ (‘nom’, ‘naum’ e ‘num’) não costumam ter uso na escrita, entretanto, na oralidade, sim, são mais comuns como: em festas religiosas do município, festas folclóricas nas escolas, no convívio familiar, dentre outros eventos.

De uma forma ou outra é importante ressaltar a importância de ambas as variações. Bortoni-Ricardo considera que os alunos que chegam à escola falando ‘nós chegemu’, ‘abrido’ e ‘ele drome’, por exemplo, têm que ser respeitados e valorizadas as suas peculiaridades lingüístico-culturais, mas têm também o direito inalienável de aprender as variantes de prestígio dessas expressões. Caso essas diferenças não sejam respeitadas duas consequências desastrosas podem acontecer, segundo Bortoni-Ricardo: *o desrespeito aos antecedentes culturais e lingüísticos do educando, o que contribui para desenvolver nele um sentimento de insegurança, e o ensino de forma ineficiente de língua padrão, por não supor o sistema lingüístico como heterogêneo.* (Bortoni-Ricardo, 2005, p.15). grifo nosso

## **1.1 BILINGÜISMO E BILINGUALIDADE NA FALA DOS IMIGRANTES ITALIANOS DE TREZE DE MAIO (SC)**

Ao estudar a “língua” deparamo-nos com uma diversidade complexa para a análise e pesquisa da linguagem em comunidades bilíngües.

O *bilingüismo* é compreendido, de modo geral, como a situação lingüística na qual os falantes são levados a utilizar alternativamente, segundo os meios e a situação comunicativa, duas línguas diferentes. No dicionário de lingüística, o *bilingüismo* é definido como:

“Nos países em que vivem juntas comunidades de línguas diferentes o *bilingüismo* é

o conjunto dos problemas lingüísticos, psicológicos e sociais com que se defrontam os locutores levados a utilizar, numa parte de suas comunicações, uma língua ou um falar que não é aceito no exterior, e, numa outra parte, a língua oficial ou a língua comumente aceita. É particularmente *o caso das famílias ou dos grupos de imigrantes insuficientemente integrados na sua pátria de adoção e continuam a utilizar nas relações interiores do grupo que eles constituem, a língua de seu país de origem*". (DUBOIS *et al*, 1986, p. 87).

Em Treze de Maio (SC), os falantes de terceira idade (cujas falas constituem o nosso objeto de estudo) conviveram com esta dualidade na fala: em casa, no trabalho do campo, o idioma era o italiano trazido pelos imigrantes; na escola (após a ditadura de Getúlio) e nas transações comerciais, ouve a tentativa do idioma português misturado a traços fonético-morfossintáticos fonológicos, e prosódicos de sua língua materna.

A *bilingualidade* é definida como os diferentes estágios distintos do bilingüismo, pelos quais os indivíduos, que são bilíngües, passam no decorrer de sua vida. Estes estágios são responsáveis pela fluidez das situações de bilingüismo. Segundo Roncarati, 2003, p.233:

“A relação entre eles, nas diferentes fases da vida de um indivíduo bilíngüe, contribui para determinar seu *status* lingüístico em qualquer ponto do tempo, ou seja, seu estágio de bilingüidade. Para determinar o estágio de bilingüidade dos indivíduos, nas diferentes fases da sua vida, propomos a análise das seguintes dimensões: a) o contexto e a idade de aquisição de ambas as línguas; e b) o domínio funcional de uso de ambas as línguas, por ambiente comunicativo”. (RONCARATI, 2003, p. 233).

A idade em que se obtem a aquisição da fala é essencial para que o indivíduo desenvolva o bilingüismo quando adulto, pois os ambientes: familiar, social, escolar e o profissional, podem influenciar nos níveis de bilingüidade, pois em um destes contextos a língua empregada obedece a critérios mais formais ou menos formais.

No Brasil de hoje, são falados mais de 200 idiomas, o que nos permite uma pluralidade lingüística muito grande no país. A nossa história de colonização e povoamento, desde os indígenas até a vinda dos imigrantes europeus tem como marca característica diferentes culturas e línguas. Assim, Oliveira ressalta que:

“As nações indígenas do país falam cerca de 170 línguas (chamadas de *autóctones*), e as comunidades descendentes de imigrantes outras 30 línguas (chamadas de línguas *alóctones*). Somos, portanto, como a maioria dos países do mundo – 94% dos países do mundo é falada mais de uma língua – um país de muitas línguas, plurilíngüe. Se olharmos para o nosso passado veremos que fomos, durante a maior parte da nossa história, ainda muito mais do que hoje, um território plurilíngüe: quando aqui aportaram os portugueses, há 500 anos, falavam-se no país, segundo estimativas de Rodrigues (1993: 23), cerca de 1.087 línguas indígenas, situação de plurilingüismo semelhante a que ocorre hoje nas Filipinas (com 160 línguas), no México (com 241), na Índia (com 391) ou, ainda, na Indonésia (com 663 línguas)”. (OLIVEIRA, 2000, p. 84).

O Brasil é um país plurilíngüe. Através do processo de convivência que envolve línguas diferentes é natural que surjam novos termos, palavras e expressões numa comunidade de fala, enriquecendo, assim, não somente as línguas faladas, mas também a escrita.

No caso de Treze de Maio, o contato dos falantes da língua italiana com a língua portuguesa através das conversas cotidianas contribuíram para a pluralidade lingüística neste município.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

### 1.2.1 Ensino de língua portuguesa nos níveis fundamental e médio: carência de descrição estrutural

Durante o processo de desenvolvimento do ser humano ouvir-falar-ler-escrever são habilidades que permitem ao homem agir e interagir com o mundo. No Brasil, deparamo-nos com uma série de diversidades no ensino de língua materna: uma delas envolve a diferença existente entre *Fonética e Fonologia*, como um estudo, mas que na maioria das gramáticas tradicionais não oferecem definições que diferenciam os objetivos de cada área.



Quase sempre fonética e fonologia são mostradas como uma única área de estudo.

Analisar e descrever a variação fônica de itens lexicais típicos da região de Treze de Maio (SC) como por exemplo: ‘entã’ ~ ‘entaw’, ‘entõw’ e ‘entũw’ é de extrema importância para todos os educadores de Treze de Maio (SC), não somente os de ensino e aprendizagem de língua materna.

Inicialmente todo o professor precisa ter o conhecimento entre a Fonética e a Fonologia. Massini-Cagliari & Cagliari definem que:

“a Fonética e a Fonologia são áreas da Lingüística que se dedicam a estudar os sons produzidos na fala. E por terem o mesmo *objeto de estudo*, são ciências relacionadas, porém a maneira como um foneticista vê, analisa e transcreve os fatos da língua difere muito da abordagem e do modo como um fonólogo faz. A preocupação da Fonética é *descrever* os sons da fala [...] já a Fonologia busca *interpretar* os resultados obtidos por meio da descrição (fonética) dos sons da fala”. (MASSINI-CAGLIARI & CAGLIARI (2001, pp.105-106).

O educador quando se propõe a entender essas áreas da Lingüística, identificando o campo de abrangência de cada uma delas, conseqüentemente torna-se um profissional com melhores chances de propôr soluções aos desafios que surgem na prática do ensino da língua materna.

Os manuais de ensino, como os livros didáticos e gramáticas prescritivistas em nível nacional, consideram, na modalidade escrita da língua, a existência do ditongo nasal /ãw/, embora não reconheçam a realização deste em /aw/, /õw/ e /ũw/ em vocábulos monossílabos e no final de vocábulos oxítonos. Este fenômeno na fala de informantes de terceira idade de Treze de Maio pode ser decorrente da transformação histórico-sócio-cultural vivenciada no município, já que estes informantes viveram num contexto histórico muito diferente do que hoje seus descendentes (netos, bisnetos) vivem.

Na nossa sociedade é comum pessoas falarem que o povo é sem memória, que não tem cultura e que não tem história. Mas é importante ressaltar que é através da fala e da escrita que o homem constrói e registra a sua própria história, ou seja, através de um estudo como este,

estamos registrando a história dos falantes de uma cidade e que mais tarde poderá servir de material de pesquisa para outros estudos na área da linguagem.

### 1.2.2 OBJETIVO GERAL E HIPÓTESE

Este trabalho insere-se no projeto de pesquisa denominado PROCOTEXTOS/UNISUL - ‘Projeto de Coleta de Textos’ orais e escritos de falantes da região da AMUREL como projeto integrante do Grupo de Pesquisa GADIPE (Grupo de Análise do Discurso: Pesquisa e Ensino).

Com base numa amostra de textos orais (de cerca de 15 minutos cada aproximadamente) de informantes de terceira idade (65 a 83 anos de idade) de comunidades ítalo-brasileiras de Treze de Maio (SC) integrante do Banco de Textos PROCOTEXTOS, neste trabalho, tomamos como objetivo principal analisar a fala destes informantes a partir da descrição da ocorrência da alternância fônica do ditongo decrescente nasal<sup>6</sup> /ãw/ que se realiza como /õw/, /ũw/ e /aw/, em vocábulos monossílabos e no final de vocábulos oxítonos.

### 1.2.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- descrever os contextos extralinguísticos que possam estar possibilitando (ou não) a alternância fônica da vogal central do ditongo nasal /ãw/ para a sua realização oral /aw/ e sua realização mais posterior em /õw/ e /ũw/;
- elaborar um banco de dados que descreva a fala de imigrantes italianos de Treze de

---

<sup>6</sup> Ditongo decrescente nasal: consiste numa seqüência devogais e é nasal quando o ar sai pela boca e pelas fossas

Maio (SC), para disponibilizar para futuras pesquisas do Mestrado em Ciências da Linguagem;

- instrumentalizar os profissionais que trabalham com o ensino da língua materna no município de Treze de Maio (SC), no sentido de melhor entenderem as produções textuais (orais e, em menos grau, também na escrita) de alunos descendentes da geração ítalo-brasileira em questão;
- diminuir o estigma relacionado a outras linguagens destes descendentes, a partir de outras expressões étnico- culturais não-verbais como (vestimenta, alimentação e outras); uma vez colocado o bilingüismo dos descendentes ítalo- brasileiros como diferença lingüística e não deficiência lingüística;
- verificar em que medida as pessoas mais idosas descendentes de italianos, valorizam e estimulam a manutenção da variedade dialetal na região;
- re(conhecer) a nossa própria história lingüística que aos poucos está sendo desprestigiada no próprio contexto escolar;
- registrar este fato lingüístico na tentativa de valorização e resgate cultural da língua que tende a desaparecer, através da retomada de aulas de italiano em escolas regulares de idiomas e demais redes escolares;
- desmistificar o preconceito da língua, fazendo com que o aluno da escola pública deixe de ter vergonha de suas origens e que a família possa participar de reuniões, eventos e da vida escolar sem nenhum constrangimento;
- atender aos propósitos da Proposta Curricular de Santa Catarina 1998/2005, no que diz respeito à inclusão social pela linguagem, sem que a escola deixe de ensinar a língua-padrão.

#### 1.2.4 HIPÓTESE

Tomando como ponto de estudo um grupo de falantes de terceira idade, descendentes de imigrantes italianos, a hipótese norteadora desse estudo é a de que *a variante de traço mais posterior na vogal do ditongo /ãw/, que é a que se realiza como /õw/, deverá ser a mais recorrente na fala destes imigrantes*. Tal fenômeno é possível, porque esta posteriorização do ditongo nasal /ãw/ é a que mais se caracteriza do idioma italiano do sul do Brasil na articulação do respectivo ditongo, quer nos vocábulos monossílabos e no final de vocábulos oxítonos. E também pelo fato de os avós e bisavós dos informantes serem de nacionalidade italiana (e não brasileira), o que permitiu que eles convivessem diretamente com falantes europeus.

## 2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

### 2.1 O ITALIANO FALADO NO BRASIL E A REPRESSÃO LINGÜÍSTICA DE VARGAS

O autoritarismo que ocorria na Europa, no intuito de barrar o avanço do proletariado e conseqüentemente anular qualquer tentativa de novas Revoluções Sociais após a vitória da Revolução Russa de 1917 norteava propostas políticas de países latino-americanos. Segundo Aurox (1998, p.377), o racismo lingüístico foi uma doutrina senão universalmente compartilhada ao menos relativamente dominante por volta do século XIX.

Getúlio Vargas e outros políticos e escritores da época, seguiam ideologias nazi-fascistas, assumindo uma postura eugenista, que visava o aprimoramento da raça humana, pela seleção de indivíduos. Assim, procurou implantar no Brasil um esteriótipo nacionalista, como o implantado nos Estados Unidos e posteriormente por Hitler na Alemanha.

No final do século XIX e início do século XXI, chegaram ao Brasil um grande número de imigrantes de países europeus, cheios de esperança e aqui construíram sua história. Porém, com o passar do tempo sofreram perseguições, punições, principalmente na época de Getúlio que desencadeou o espírito nacionalista, onde tudo deveria ser exclusivamente brasileiro. Já na época em que o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial, por volta da década de 1940, iniciou-se um período de grande repressão, principalmente no Sul do país. Segundo Fáveri (2002, p.72),

“...entre 27 de janeiro de 1942 e 27 de janeiro de 1943, foram realizadas 1.227 detenções e abertos 27 inquéritos por reincidência do uso do idioma alemão ou italiano em Santa Catarina, conforme relatório do delegado de Ordem Política e Social, Antonio de Laras Ribas, detenções estas feitas principalmente em Blumenau, Joinville, Hamônia, São Bento, Rio do Sul e Rodeio” . (*apud* ROCHA, 2004)

Assim, os imigrantes de terceira idade (sujeitos) participantes da pesquisa sofreram na década de 1940 por fazer o uso da língua estrangeira e na época a política interna do Brasil favorecia o abasileiramento do migrante, numa perspectiva nacionalista, subentendendo que a língua era o símbolo de identificação da cultura européia e por isso havia a necessidade de se adotarem medidas de controle quanto à utilização dela pelos imigrantes.

A proposta de “padronização” cultural, a intervenção do Estado ao impor o monolíngüismo como fator preponderante à assimilação da expressão cultural do Brasil, juntamente com a investida contra os imigrantes, tidos como “maus elementos” por não falarem o português, propiciaram o preconceito lingüístico para com os imigrantes.

Junto com o sofrimento manifestou-se também o silenciamento, como consta no depoimento de Eduardo Will, aos 78 anos morador de Agrolândia, relatando sua história:

“Vi meu pai sofrendo nas mãos dos soldados, quis conversar com ele, mas ele apenas mandou-me para casa avisar a minha mãe que estava tudo bem. Foi quando falei a palavra “ia” (sim) e com isso me forçaram a tomar óleo. Dois soldados armados me forçaram a tomar uma coisa nojenta, parecia óleo cru, óleo queimado, gasolina, óleo de rícino, era uma mistura total. Tomei mais ou menos meio litro desse óleo nojento. Como não me defendi, apenas obedeci, fui logo solto e mandado embora. Tive uma desintéria muito forte, mas logo passou. O mesmo não aconteceu com meu pai, que tentou se defender, e com isso foi surrado, amarrado, e como não abria a boca, foi colocado óleo pelo cano do fuzil, machucando-o muito, deixando-o muito doente, e sofreu muito até o final dos seus dias, não foi mais o mesmo”. (FÁVERI, 2002, *apud* ROCHA, 2004)

O registro dos relatos como consta o exemplo acima, deixou muitos imigrantes e seus familiares com muito medo. A restrição em torno das línguas estrangeiras foi severamente marcada pela normatização através de decretos-lei neste período. Na cidade de Florianópolis, bem como em tantas outras do Estado, foi expressamente proibido o uso de línguas estrangeiras nos cemitérios (inscrição em túmulos), carneiras, mausoléus, lousas, cruzeiros ou quadros de cidadãos ítalo-brasileiros.

A fala e a escrita em língua portuguesa tornaram-se sinônimos de identidade nacional, sendo que o não emprego deste mesmo idioma era vista como fator de exclusão e sérias me-

didadas deveriam posteriormente ser empregadas por órgãos públicos. Escolas étnicas foram fechadas ou tiveram seu material didático em língua estrangeira recolhido, passando a ser obrigatório o ensino em língua portuguesa; tais medidas foram justificadas pelo Decreto 406 de maio de 1938, onde ficou decretado que todo material utilizado na escola fosse em português, que todos os professores e diretores fossem brasileiros natos, que nenhum livro, revista ou jornal circulassem em língua estrangeira. Pelo Decreto 1025 de 25 de agosto de 1939, os secretários estaduais de educação deveriam construir e manter escolas em áreas de colonização, fiscalizar o ensino de línguas estrangeiras, bem como intensificar o ensino de História e Geografia do Brasil, tornando-se assim inviável a perpetuação cultural e lingüística destes imigrantes, os quais se limitaram a falar em sua língua materna apenas o núcleo familiar, ainda às escondidas.

A Sociolingüística valoriza a significativa contribuição de comunidades lingüísticas, pois tem como seu objeto de estudo situações reais de uso de fala. Vivemos em um mundo globalizado, multicultural, onde não há espaço para preconceitos em torno das diferenças lingüísticas.

Espera-se que a língua não se torne objeto de exclusão social, mas que cada falante possa aprender com *a diversidade* oferecida através da fala dos indivíduos, independente de seu grupo étnico.

### **2. 1. 1 Repressão lingüística**

A Era de Vargas geralmente é apresentada pela história como o primeiro avanço do Brasil na reorientação econômica rumo à industrialização. Além do aspecto sócio-econômico, o que pouco é ressaltado e permanece ainda obscuro nas entrelinhas da história é a política nacionalista adotada neste mesmo período, que repreendeu severamente a idéia sócio-histórico-cultural dos imigrantes (italianos, alemães, poloneses, japoneses e outros), na tenta-

tiva de abrasileirar o estrangeiro, especificamente no quesito linguagem: era punida radicalmente a fala que não fosse o português.

Com o propósito de popularizar a imagem de Vargas como o grande “salvador” da nação, foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda -DIP, grande responsável pela difusão de sua imagem através de jornais, revistas, cartilhas escolares e programas de rádio acessível em todo território nacional (Rocha, 2004). No entanto, para que os meios de comunicação assumissem o caráter ideológico proposto por este governo, fez-se necessário a imposição do estado, de maneira que toda a imprensa se colocasse a seu serviço. A censura aos meios de comunicação propiciou ao governo um caráter homogêneo de informação, moldando a seu ver, o que o povo deveria ou não saber.

O grande objetivo de Vargas com a criação do departamento de Imprensa e propaganda era o de sujeitar toda a imprensa a seu favor, manipulando a opinião pública segundo suas convicções políticas. O povo brasileiro rendeu-se ao seu ideário nacionalista e à perseguição contra os que não se enquadravam neste sistema.

O que de uma forma ou outra ficou marcado nesta trajetória política foi a ofensa à “identidade” de grupos étnicos e lingüísticos e que só contribuíram para a nossa história de colonização, de conquista, de fala e conflitos.

## **2.2 PROPOSTA CURRICULAR DE SANTA CATARINA**

A Proposta Curricular de Santa Catarina (1998/2005)<sup>7</sup> é um documento elaborado por profissionais da área da Educação que serve como instrumento que norteia os trabalhos dos educadores nas escolas de Santa Catarina, sendo que, atualmente na educação o enfoque principal é a questão da qualidade do ensino, promovendo o desenvolvimento criativo do aluno,

---

<sup>7</sup> A Proposta Curricular de Santa Catarina na versão 2005 é mais um documento intitulado: Estudos Temáticos, que propõe um processo de aprendizagem aberto onde todos têm oportunidades de aprender e cada um sem-



suas potencialidades, valorizando seu ambiente real de vivência, garantindo a sua  
nência na escola.

A Proposta Curricular de Santa Catarina apresenta em seu documento um capítulo voltado para a “língua estrangeira”, ressaltando que a escola precisa valorizar as diferenças lingüísticas e culturais de cada etnia existente no nosso Estado.

A valorização das diferentes línguas vem ocupando uma abrangência maior nos últimos vinte anos. Veja o que nos traz a Proposta Curricular de Santa Catarina:

“Até meados da década de 80, a LE que predominava nas escolas públicas de Santa Catarina era o inglês. A partir dessa época, houve modificação na política de ensino de línguas, passando-se de uma posição monolingüística para uma posição plurilingüística nas escolas mais bem estruturadas, oferecendo-se francês, espanhol, alemão e italiano nos currículos escolares de 1º e 2º graus”. (PROPOSTA CURRICULAR de SANTA CATARINA, 1998, p. 93).

Mesmo assim, ainda é evidente que a língua estrangeira de maior enfoque hoje seja o inglês, pela própria globalização mundial, tornando-se assim uma língua universal.

Entende-se que quanto maior o contato e a interação dos alunos na escola com outras pessoas que possuem características sócio-cultural-lingüística diferentes, maior será o aprendizado através da linguagem. É desta forma que o homem evolui passando de ser biológico em ser social-histórico (cultural), conforme ressalta a Proposta Curricular de SC.

“Diante da concepção de língua aqui assumida, estabelecendo-se a linguagem como constituidora da própria consciência e organizadora do pensamento, inferimos que o sujeito se constitui nas e pelas relações sociais, a partir de situações significativas. Dessa forma, quanto mais o sujeito aluno interagir com outros grupos (outros alunos, professores, outras línguas e culturas), maiores são as possibilidades de aprendizagem/desenvolvimento”. (PROPOSTA CURRICULAR DE SANTA CATARINA, 1998, p. 94).

O homem pela sua própria natureza está em constante aprendizado. E a escola é uma instância que concentra alunos das mais diversas situações sociais e culturais. Portanto, se faz

necessário que os profissionais das escolas de Santa Catarina tenham em sua proposta de trabalho, o conhecimento teórico da Proposta Curricular de Santa Catarina, que fornece subsídios para a valorização lingüística dos nossos alunos ressaltando a importância de se respeitar a tradição cultural de cada educando. Pois conhecer outras línguas é socializar conhecimento.

O papel da escola no que se refere ao dialeto regional da língua italiana, “nossa segunda língua” em Treze de Maio – SC, é o de oportunizar o trabalho da valorização para que os educandos percebam o prestígio que esta língua tem para o seu próprio conhecimento histórico-social-cultural. Sendo importante ressaltar ainda que as marcas lingüísticas regionais caracterizam o processo de construção de nossa identidade. O modo como falamos, através da língua nos aproxima das pessoas que convivem próximos de nós e ao mesmo tempo nos difere de outras regiões que tem outras influências lingüísticas.

A Proposta Curricular de Santa Catarina em seu contexto se preocupa com a conscientização e valorização do diferente, pois algumas vezes acontece que a diferença se transforma em discriminação e as pessoas de fala diferente passam a ser alvo de preconceito social. É necessário que as pessoas, principalmente nossos alunos, assimilem esta variedade lingüística regional brasileira num ângulo de riqueza que revela a própria história e cultura. É bom lembrar que a sociedade complexa é composta por milhares de pessoas com atividades diversas, portanto, a escola tem por objetivo ensinar a língua padrão com referência, o que de forma alguma pode ser entendida como aniquilação das variedades.

### **2.3 FONÉTICA E FONOLOGIA**

A fonética e a fonologia, são partes constitutivas que estudam os sons da fala, mas que possuem pontos de vista diferentes: a *fonética* analisa os sons da língua sob o aspecto material, físico, acústico e a *fonologia* analisa sob o aspecto prático na comunicação humana.

A fonologia estuda os elementos fônicos que distinguem, numa mesma língua, duas

mensagens de sentido diferente (a diferença fônica no início das palavras do português, por exemplo nas palavras mala, sala e a diferença de posição do acento, no português sabiá, sabia.

Sobre a fonética, Massini Cagliari & Cagliari revelam que:

“Os estudos de Fonética são tão antigos quanto as gramáticas e estão, ainda, por trás da formação dos sistemas de escrita mais antigos. Ao longo dos anos, além da preocupação em descrever a função de letras e sons, começaram a surgir explicações sobre o funcionamento do aparelho fonador e dos mecanismos de produção da fala [...] Além de dar suporte aos estudos de Fonologia e de outras áreas da Linguística, a pesquisa fonética tem contribuído enormemente para o desenvolvimento de tecnologias que utilizam dos elementos sonoros da fala, como a engenharia das telecomunicações, sobretudo a telefonia, as ciências da computação, com especial referência à produção de programas de produção e de reconhecimento da fala. (MASSINI CAGLIARI & CAGLIARI (2001, pp.106-107).

Como se percebe, a fonética desempenha um papel importante na área da comunicação, principalmente na descrição dos sons da fala. Veja na pronúncia dos sons da palavra dia e tia, por exemplo, onde ambas são diferentes (função da fonologia, que permite distinguir palavras por meio de um único elemento, no caso: /d/ e /t/) e apresentam diferenciação na pronúncia dependendo de cada falante. Um gaúcho pronunciando ambas as palavras, “dia” e “tia” será diferente de um carioca pronunciando estas mesmas palavras, em que atribue um som mais chiado, falando algo parecido com “dja” e “tchia” (função da fonética, que analisa as pronúncias diferentes dos sons da fala).

Ressaltamos ainda que, a pesquisa aqui desenvolvida, contempla o campo da fonética, trabalhando as alternâncias fônicas e que essas mudanças lingüísticas, não acontecem de um dia para o outro e sim é um processo de convivência e transformação em que as características culturais, históricas e sociais contribuem muito para as mudanças lingüísticas.

É importante ressaltar que nem toda variação obrigatoriamente implica em mudança, é um processo decorrente de vários fatores, levando-se em consideração tanto os de natureza lingüística como os de natureza social.

A língua representa o código comum de um grupo de falantes de uma comunidade e a fala a situação de uso de cada indivíduo desta mesma comunidade.

Para entendermos estas particularidades precisamos entender também o papel da fonologia. Segundo Mori o mesmo afirma que:

“a Fonologia estuda as diferenças fônicas correlacionadas com as diferenças de significado (ex: /p/ato / /m/ato), ou seja, estuda os fones segundo a função que eles cumprem numa língua específica, os fones relacionados às diferenças de significado e a sua inter-relação significativa para formar sílabas, morfemas e palavras. A Fonologia relaciona-se, também, com a parte da teoria geral da linguagem humana concernente com as propriedades universais do sistema fônico das línguas naturais, ou seja, referente aos sons possíveis que podem ocorrer na língua” (MORI, 2001, p.149)

Conhecer a fonologia permite deixar o profissional da educação melhor preparado para explicar os sons que podem ocorrer na língua do ser humano em um determinado grupo de fala.

Para tanto, é importante também, lembrar que em todo o desenvolvimento da fala há um componente indispensável para que todo o desencadeamento lingüístico aconteça: o aparelho fonador.

### APARELHO FONADOR

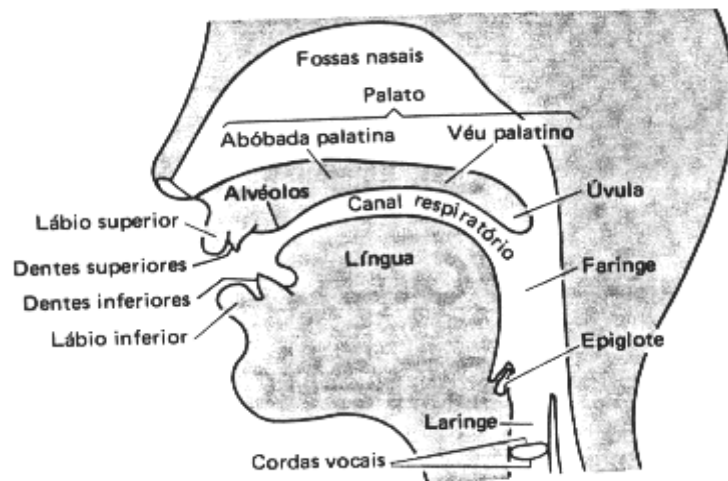


Figura 1- Aparelho Fonador.

Fonte: **Atlas visual: O corpo humano e animais** (coletânea especial Diário Catarinense, 1995, p.41)

Para que o ato da fala aconteça o ser humano conta com o **aparelho fonador**, ou seja, um conjunto de órgãos que auxiliam na articulação e na produção dos sons. Não existe nenhuma parte do corpo humano cuja única função esteja apenas relacionada com a fala. As partes do corpo humano que utilizamos na produção da fala têm como função primária outras atividades diferentes como: mastigar, engolir, respirar ou cheirar. O objetivo de apresentar a imagem do aparelho fonador é a de entender melhor o próprio mecanismo da fala, pois este aparelho pode ser dividido em três grupos: o **sistema respiratório** (pulmões, músculos pulmonares, brônquios, traquéia), **sistema fonatório** (laringe onde está a glote) e **sistema articulatório** (faringe, língua, nariz, palato, dentes, lábios).

Segundo Massini & Cagliari e Cagliari (2001):

“a corrente de ar é modificada ao passar pelas cavidades supraglotais (faringe, boca e lábios). Essa modificação ocorre em determinados pontos desse tubo onde há uma constrição capaz de alterar as características acústicas da corrente de ar. Essas obstruções são chamadas de *articulações fonéticas* e suas características formam o processo *articulatório*. Dadas as configurações do aparelho fonador, quando a corrente de ar chega na parte superior da faringe, encontra dois caminhos: a passagem oral, pela boca, e a passagem nasal, pela cavidade nasofaríngea e pelas cavidades nasais. O ar pode seguir um desses caminhos ou ambos”. (MASSINI & CAGLIARI e CAGLIARI, 2001, p.109)

Ainda revelando a importância desse aparelho na produção da fala, Massini Cagliari e Cagliari (2001) dizem que:

“quando a corrente de ar fonatório sai pela boca e/ou pelas narinas, as vibrações das partículas de ar se espalham em ondas circulares. As características acústicas desse tipo de som formam o processo *acústico* da fala. Ao receber essas ondas, o ouvinte realiza o processo *auditivo* (ou perceptual) da fala. O som (que é a energia acústica) transforma em movimento do tímpano. Este movimentado três pequenos ossos dentro do ouvido que, articulando-se com o tímpano, transmitem as vibrações deste para a cóclea, a qual, por sua vez, transforma as vibrações em variação hidráulica do líquido que ela contém. Este transforma a variação de pressão em impulsos neurais, que são levados até o cérebro. Quando a percepção da fala chega ao cérebro, ativa novamente o processo neurolingüístico, que irá interpretar os sons e associá-los aos respectivos significados, de acordo com o sistema da língua”. (MASSINI & CAGLIARI e CAGLIARI, 2001, p. 110).

Como vimos, cada uma das partes que constituem o aparelho fonador é de suma im-

portância para o ato da fala. Qualquer problema que aconteça em um dos pontos do aparelho pode comprometer o ato de fala de forma parcial e até mesmo total.

### 2.3.1 Fonemas do português

Na produção da fala, os fonemas representam a menor unidade sonora de uma língua.

Mori (2001, p. 151) diz que:

“cada língua dispõe de um número determinado de unidades fônicas cuja função é determinar a diferença de significado de uma palavra em relação a uma outra. Por exemplo, a palavra /‘kasa/ “caça” diferencia-se de /‘kaza/ “casa” pelo uso de uma fricativa alveolar surda /s/ em “caça” e de uma sonora /z/ em “casa”. Esses tipos de unidades como /s/ e /z/, que permitem diferenciar significados, denominam-se fonemas. Assim, /s/ e /z/, são dois fonemas no português”. (Mori, 2001, p.151)

Como percebemos na citação acima, o fonema é uma unidade sonora e permite a distinção entre uma palavra e outra. Em se tratando de Brasil, os fonemas são classificados em vogais, consoantes e semivogais.

As vogais são fonemas produzidos por uma corrente de ar vibrante que passa livremente pela boca, proveniente dos pulmões.

As diferentes vogais são produzidas pelo diferente posicionamento dos músculos que delimitam a boca: a língua, os lábios e o véu palatino. Assim, temos:

A) Pela modificação do posicionamento do véu palatino:

**Vogais orais:** a corrente de ar vibrante passa pela cavidade bucal. São sete os fonemas vocálicos orais: /i/, /e/, /ɛ/, /a/, / /, /o/, /u/;

**Vogais nasais:** a corrente de ar vibrante passa ao mesmo tempo pelas cavidades bucal e nasal. São cinco as vogais nasais: /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ /.

B) Pela região do céu da boca em que se dá a maior elevação da língua;

**Vogais anteriores:** /ĩ/, /i/, /ẽ /, /ε/, /e/ (são produzidas pelo fechamento dos lábios);

**Vogais centrais:** /ã/, /a/ (são produzidas com os lábios abertos);

**Vogais posteriores:** /ũ /, /u /, /õ/, /o/, / / (são produzidas com arredondamento dos lábios).

C) Pela elevação da região mais alta da língua

**Vogais altas:** a elevação da língua em direção ao céu da boca é máxima, como ocorre com os fonemas: /i/, /ĩ/, /u/, /ũ /;

**Vogais médias :** elevação média, como ocorre com /e/, /ẽ/, ε/, /o/, /õ/, /ð/;

**Vogais baixas:** elevação mínima, como em /a/, /ã/.

Os fonemas vocálicos se classificam conforme posicionamento da língua. Assim temos: *anteriores, centrais e posteriores*.

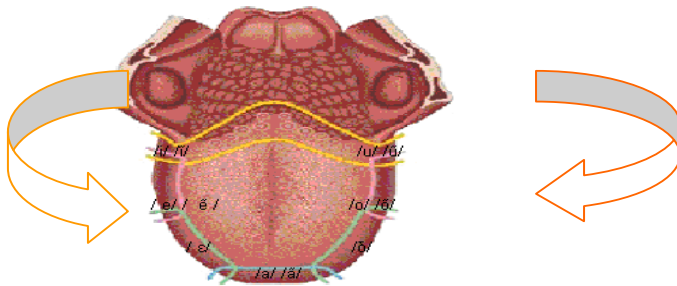


Figura 2- Figura do órgão do corpo humano – a língua.

**Fonte:** Atlas visual: O corpo humano e animais (coletânea especial Diário Catarinense, 1995, p.40)

Este órgão é indispensável na comunicação lingüística do ser humano. Conforme o posicionamento da língua, como vimos anteriormente, os fonemas vocálicos abrangem uma classificação.

As consoantes são fonemas em cuja produção a corrente de ar proveniente dos pulmões enfrenta obstáculos ao passar pela cavidade bucal. Esses obstáculos podem ser totais ou parciais, dependendo da posição da língua dos lábios. As consoantes são classificadas de a-

cordo com os critérios de:

a) **Modo de articulação**: este critério verifica se o obstáculo encontrado pela corrente de ar, ao passar pela boca, é total ou parcial. Se for total a consoante será oclusiva (de oclusão, fechamento).

Se o obstáculo for parcial, a consoante será constritiva (aperto, compressão). As constritivas podem ser **fricativas** (ocorre fricção do ar através de uma fenda no meio da via bucal) **laterais** (o ar passa pelos lados da cavidade bucal) e **vibrantes** (ocorre vibração na língua ou do véu palatino).

b) **Ponto ou zona de articulação**: este critério baseia-se no ponto da cavidade bucal em que se localiza o obstáculo à corrente de ar. Assim, as consoantes bilabiais (ocorre contato dos lábios superior e inferior), labiodentais, (o lábio inferior toca os dentes incisivos superiores), linguodentais (a língua toca a face interna dos dentes incisivos superiores), (alveolares a língua toca os alvéolos dos dentes incisivos superiores), palatais (o dorso da língua toca o palato duro, ou céu da boca), velares (a parte posterior da língua toca o palato mole, ou véu palatino).

c) **Papel das cordas vocais** : este critério verifica se ocorre ou não vibração das cordas vocais. No primeiro caso, a consoante é **sonora**; no segundo, **surda**.

d) **Papel das cavidades bucal e nasal**: este critério verifica se, durante a produção do som consonantal, a corrente de ar passa unicamente pela cavidade bucal ou também pela cavidade nasal.



EXEMPLOS DE MODOS E LUGARES DE ARTICULAÇÃO PARA AS CONSOANTES DO PORTUGUÊS		
<b>Oclusivas:</b>		
a) Bilabiais:	[p, b]	<u>p</u> ato, <u>b</u> ato
b) Alveolares:	[t, d]	<u>t</u> ato, <u>d</u> ado
c) Velares:	[k, g]	<u>c</u> ato, <u>g</u> ato
<b>Fricativas:</b>		
a) Labiodentais:	[f, v]	<u>f</u> aca, <u>v</u> aca
b) Alveolares:	[s, z]	ca <u>ç</u> a, ca <u>s</u> a
c) Palatoalveolares:	[ ʃ ]	<u>ch</u> á, <u>j</u> á
d) Velares:	[ ʁ ]	<u>r</u> ato, <u>barr</u> iga
e) Uvulares:	[ ʁ ]	<u>r</u> oda, <u>curr</u> al•
f) Glotais:	[ h, h ]	<u>r</u> ato, <u>barr</u> iga
<b>Africadas:</b>		
a) palatoalveolares:	[ ʃ d ]	<u>t</u> ia, <u>d</u> ia, <u>pot</u> e, <u>pod</u> e
<b>Nasais:</b>		
a) Bilabial	[ m ]	<u>Som</u> o
b) Dental	[ n ]	<u>Son</u> o
c) Palatal	[ ɲ ]	<u>sonh</u> o
d) Velar	[ ŋ ]	<u>banco</u>
<b>Laterais:</b>		
a) Dental	[ l ]	ma <u>l</u> a
b) Palatal	[ ʎ ]	mal <u>h</u> a
<b>Vibrantes:</b>		
a) Alveolar sonora:	[ r ]	ma <u>r</u>
b) Alveolar surda:	[ R ]	ma <u>r</u>
c) Uvular sonora:	[ R ]	ma <u>r</u> •
<b>Tepes:</b>		
a) Alveodental:		<u>pr</u> ato, <u>cr</u> ise, <u>forç</u> a, <u>car</u> o
<b>Retroflexas:</b>		
a) Anterior (alveolar)	[ r ]	po <u>rta</u> , ma <u>r</u>
b) Posterior (palatoalveolar)	[ r ]	po <u>rta</u> , ma <u>r</u>

Quadro 1: Consoantes orais e nasais do Português (FONTE: Massini & Cagliari e Cagliari, *in*: Bentes e Mussalin, 2001, p. 126)

No quadro acima, vários são os elementos que auxiliam na produção e o resultado dos modos e lugares de articulação resultam nas diferentes consoantes do português.

Convém ressaltar ainda que existem as chamadas **semivogais** que são fonemas produzidos de forma semelhante às vogais altas /i/ e /u/, mas diferem destas por não assumirem papel central numa sílaba. Em outras palavras: as semivogais acompanham sempre uma vogal, com a qual formam a sílaba. Na escrita são representadas pelas letras i e u, podendo mais raramente, ser representada pelas letras e e o.

### 2.3.2 Ditongos

O ditongo, segundo Dubois *et al* (1986, p. 202), “é uma vogal que muda uma vez de timbre no curso da sua emissão, de modo que se ouve certa qualidade vocal no início e outra no fim”.

Os ditongos são tratados como uma seqüência de segmentos. Um dos segmentos da seqüência é interpretado como uma *vogal* e o outro é interpretado como *semivogal*. As semivogais são fonemas produzidos de forma semelhante às vogais altas /i/ e /u/, mas diferem destas por não assumirem papel central numa sílaba. Em outras palavras: as semivogais acompanham sempre uma vogal, com a qual formam a sílaba.

Do ponto de vista da fonética o que caracteriza um segmento como vocálico ou consonantal é o fato de haver ou não obstrução da passagem da corrente de ar pelo trato vocal.

Os ditongos podem ser decrescentes ou crescentes. Neste estudo, abordamos os *ditongos* decrescentes em final de vocábulos oxítonos e monossílabos.

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este trabalho insere-se no quadro teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança Lingüística de Willian Labov. Sendo que são relevados os fatores de natureza extralingüística, tais como (etnia, região) e o diastrático (idade, escolaridade e sexo) no condicionamento direto (ou não) da alternância fônica do ditongo nasal /ãw/ para a sua realização oral em /aw/ e sua realização mais posterior em /õw/ e /ũw/ em vocábulos monossílabos e no final de vocábulos oxítonos analisados na fala de informantes de terceira idade, todos descendentes de imigrantes italianos que fixaram moradia no município de Treze de Maio (SC), nas primeiras décadas do século XX.

#### 3.1 SOCIOLINGÜÍSTICA

Segundo Romaine (*apud* Monteiro 2000, p.25), o termo sociolingüística foi cunhado em 1950 referindo-se às perspectivas de sociologia de fala conjuntas que os lingüístas e sociólogos mantinham face às questões sobre as influências da linguagem na sociedade e especialmente sobre o contexto social da diversidade lingüística.

Para Labov, é natural fazer a junção da palavra social à lingüística, uma vez que a lingüística já concebe *a língua como fato social*, não havendo a necessidade de inserir ao seu nome o social. Logo, *se a língua é um fato social, a lingüística, então, só pode ser uma ciência social, isto significa dizer que a sociolingüística é a lingüística* (Labov 1972, p. 37). E a delimitação de que a lingüística é uma ciência social foi a justificativa que Labov concedeu ao fato de ele próprio ter se recusado, durante anos, a empregar o termo sociolingüística para esta área da lingüística que pressupõe o social: *Durante anos recusei-me a falar de sociolingüística, pois este termo implica que poderia existir uma teoria ou uma prática lingüística fecunda*

*que não fosse social.* (Labov 1972, p. 37 – *apud* Reis, 2003, p. 61).

Daí, o termo *sociolingüística*, relativo a uma área da lingüística, só se firmou em 1964, num congresso organizado por William Bright na Universidade da Califórnia: Labov foi um dos participantes, ao lado de outros estudiosos voltados para a questão da relação entre linguagem e sociedade. Dois anos depois, Bright publica os trabalhos apresentados no congresso, com o título *Sociolingüistics*. E o nome ‘sociolingüística’ se firma como área da lingüística que toma como objeto de estudo a língua falada em seu contexto real de uso, em comunidades urbanas e rurais.

É por meio da fala/língua que os seres humanos se organizam em sociedades, desenvolvem suas características sócio-político-religioso-culturais. E diferentes culturas e valores convivendo em comunidades próximas, ou até mesmo distantes, oportunizam conhecimentos lingüísticos e sociolingüísticos.

A sociolingüística laboviana, valoriza a realidade lingüística e a sua heterogeneidade.

Cada um tem seu jeito próprio de falar e isto é o que oportuniza a riqueza no contexto da linguagem. Hudson (1984, p. 12 - *apud* Reis, 2003, p. 61) *diz estar absolutamente seguro de que não há sequer dois falantes que tenham a mesma linguagem, porque é impossível haver duas pessoas que tenham a mesma experiência lingüística.*

Mas até que a sociolingüística ganhasse o seu espaço com a formalização do reconhecimento como uma área de concentração da lingüística em 1964, muito antes, no começo do século, é com Meillet<sup>8</sup> que a literatura lingüística registra uma das representações significativas da cientificidade dos pressupostos dessa nova ciência. Segundo Reis (2003), mesmo tendo Saussure como seu professor, Meillet orienta seus trabalhos numa perspectiva diferente da de seu mestre: reafirma que a história das línguas é inseparável da história da cultura e da sociedade. Por pensar diferente da grande maioria dos lingüistas estruturalistas da sua época, Meil-

---

<sup>8</sup> Antonie Meillet (1866-1936), Lingüista francês. Observou que Labov sustenta impreterivelmente a definição de língua como fato social tal como definiu Meillet. Entretanto a identidade dos trabalhos desenvolvidos por um e por outro autor termina aqui. Meillet foi comparatista de alto nível, trabalhou sobretudo com línguas mortas, enquanto Labov trabalha continuamente com situações contemporâneas. (cf. Calvet, +2002)

let pouco representou para a escola estruturalista. Mesmo assim, se o mestre de Genebra (Saussure) não teve em Meillet seu seguidor, após a sua morte não faltou quem levasse adiante suas propostas: Martinet foi um dos maiores defensores de Saussure, rejeitando profundamente as concepções de Meillet sobre a natureza social da linguagem, conforme relata Labov:

“Meillet contemporâneo de Saussure, pensava que o século XX veria a elaboração de um procedimento de explicação histórica fundado sobre o exame da variação lingüística, enquanto inserida nas transformações sociais. Mas discípulos de Saussure, como Martinet, aplicaram-se a rejeitar essa concepção, insistindo fortemente, em que a explicação lingüística se limitasse às inter-relações dos fatores estruturais internos. Com essa atitude, aliás, eles estavam seguindo o espírito do ensino saussureano”. (LABOV, 1972, p. 259 – *apud* REIS, 2003, p. 62).

Mediante tal observação de Labov, percebe-se que Meillet não estava de acordo com a idéia de Saussure de criar apenas um modelo abstrato da língua. Para Meillet não há como compreender os fatos da língua sem fazer referência à diacronia, à história. Tais idéias vieram a dar uma contribuição importante à ciência da linguagem, pois a mesma trabalha juntamente com o social.

Segundo Reis (2003, p. 62), ressalta ainda que a lingüística que se firma como ciência na primeira metade do século XX procurava restringir a explicação da linguagem às inter-relações dos fatores estruturais internos apenas.

Nossa pesquisa trata de investigar o contato entre as variações fônicas na fala de imigrantes descendentes de ítalo-brasileiros. Conforme afirma Calvet (2002, p.45), *quando um indivíduo se confronta com duas línguas que utiliza vez ou outra, pode ocorrer que elas se misturem em seu discurso e que ele produza enunciados “bilíngües”*.

Calvet (2002, p. 35) em seus estudos, ressalta que *o plurilingüismo faz com que as línguas estejam constantemente em contato. O lugar desses contatos pode ser o indivíduo (bilíngüe, ou em situação de aquisição) ou a comunidade*.

Em Treze de Maio o contato da língua italiana com a língua portuguesa é mais característica nas comunidades do interior, pois é possível se conversar com vizinhos, parentes, no

trabalho da lavoura com naturalidade no idioma italiano misturado a palavras do português.

Não há uma cobrança “social” que imponha um padrão de fala exclusivamente em português, o que permite um bilingüismo nestas regiões da cidade.

### 3.2 TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICA

A língua apresenta aspectos estáveis ou instáveis. Sabemos que todas as pessoas que falam uma língua têm por natureza noções básicas de estrutura de funcionamento dessa língua. A língua apresenta sistematicidade e variação a um só tempo. Na sociolingüística, a variação é concebida como requisito ou condição do próprio sistema lingüístico. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (1968), as variantes lingüísticas estão freqüentemente correlacionadas a características externas do falante e da situação comunicativa, tais como: etnia, sexo, idade, posição e papéis sociopessoais dos interlocutores (REIS, 2003, p. 66). A perspectiva da sociolingüística parte do pressuposto básico *de que a teoria da variação é o da regularidade do uso variável, segundo o qual o emprego aparentemente aleatório de formas variáveis obedece a princípios que podem ser estabelecidos de maneira estável* (p. 66).

Labov contribui de forma significativa às análises variacionistas, no sentido de evidenciar a sistematicidade dos usos heterogêneos da língua em contextos sociais específicos. Permitiu também compreender que as estruturas variantes revelam padrões de regularidade que, de tão sistemáticos, não podem ser devidos ao acaso (cf. Reis, 2003, p. 66).

Ainda segundo Reis, a Teoria da Variação e Mudança Lingüística toma, pois, como objeto de *estudo a estrutura e a evolução da língua dentro do contexto social de uma comunidade de fala, revelando a função social e comunicativa da língua* (p. 66). Por este aspecto, parte-se do pressuposto de que a variação é inerente ao sistema lingüístico e que a noção de heterogeneidade não se apresenta incompatível com a noção de sistema.

Como vimos, a variação lingüística pode ser determinada por **fatores sociais**. Dessa

forma, estas diferenças sociais se refletem na linguagem, e, dependendo do grau de idade, sexo, idade, origem geográfica, etnia, situação econômica dos informantes, podemos nos deparar com dados diferenciados. No entanto, é preciso identificar em que medida essas variações atuam sobre o sistema. Vejamos:

“Todo sistema lingüístico é dotado, pois, de conjunto de regras que não podem ser infringidas, sob pena de dificultar ou mesmo inviabilizar a compreensão dos enunciados. A esse conjunto de leis internas se costuma dar o nome de invariante”. (MONTEIRO, 2000, p. 58).

Com base em Labov (1972), o que contribui para o estudo científico da linguagem além das regras invariáveis, é o sistema lingüístico que é constituído por regras variáveis, *que se aplicam sempre quando duas ou mais formas estão em concorrência num mesmo contexto e a escolha de uma depende de uma série de fatores, tanto de ordem interna ou estrutural, como de ordem externa ou social.* Labov, 1972 - *apud* MONTEIRO, 2000, p. 58).

Labov ressalta que a variedade das classes dominadas tende a se desestruturar quando em contato com a classe de maior prestígio, provocando inúmeros sentimentos de culpabilidade ou de inferioridade lingüística, o que não deveria acontecer.

Em um grupo de falantes é natural que se encontre mais de uma forma de falar, como por exemplo /entãw/ que, na comunidade aqui estudada pode ser encontrada nas variações /entaw/, /entow/ e /entuw/.

Sem seus estudos Labov percebeu que:

“... não existem falantes de estilo único. Há informantes que apresentam um campo de alternâncias estilísticas mais amplo do que outros, mas todos demonstram modificação de algumas variáveis à medida que mudam o contexto social e o tema”. (Monteiro 2000, p.70).

Portanto, não há como caracterizar que todos os falantes tenham uma maneira única de se manifestar, pois cada indivíduo tem suas particularidades. E a escola como instituição

que tem por objetivo o ensino da língua padrão precisa também relevar as demais variedades do português trazidas pelos alunos para a sala de aula, pois faz parte de seu contexto também, a valorização cultural, histórica e social destes falantes.

### 3.2.1 Variação nível fonético-fonológico em Labov

A variação linguística de natureza fonético-fonológica compreende os primeiros estudos labovianos: são os de 1962 a 1972 (cf. Lefebvre, 2001, p. 220).

- (i) Distribuição da variação fonética dos ditongos / ay / e / aw / de Martha's Vineyard;
- (ii) Estratificação estilística e social sobre o apagamento / preservação do / r / em final de sílaba em três lojas de Nova York;
- (iii) Os sons correspondentes da vogal /oh/ em Nova Iorque;

Segundo Reis (2003, p. 68), partindo do uso real da língua, os trabalhos iniciais de Labov valorizaram a riqueza da realidade lingüística, que se dá de forma heterogênea. Permitiram visualizar que as variações entre as formas, consideradas, até então, como livres, se dão de modo sistemático, e isso demonstra que a regularidade da variação é condicionada por fatores de ordem diversa, mas principalmente de ordem social (sexo, escolaridade, etnia).

Os estudos variacionistas iniciais de Labov pertencem ao campo da fonologia. Assim, estudando a distribuição de certo número de variáveis lingüísticas dentro de uma amostra representativa de uma população, obtem-se um retrato socialmente significativo da variação lingüística numa comunidade lingüística. Para Labov, *a gramática de uma comunidade é mais regular e sistemática do que o comportamento de qualquer indivíduo isolado* (LABOV 1969, p. 46).



### 3.2.2 Bilingüismo e bilingüidade: o contato multiétnico e a linguagem

Esta pesquisa busca, através do contato multiétnico e a linguagem, caminhos para entender fenômenos de linguagem como é o caso da alternância fônica na produção do ditongo nasal /ãw/ que se realiza como /aw/, /õw/ e /ũw/, nos vocábulos monossílabos e no final de vocábulos oxítonos na fala dos informantes bilíngües de terceira idade de Treze de Maio (SC)

Para alguns, o bilingüismo pode apresentar característica de uma competência, ou seja, a habilidade de domínio de duas línguas; para outros, pode ser tratado como de natureza psicolingüística (um fenômeno individual) e que está ligado consideravelmente ao biculturalismo.

Em uma região como a de Treze de Maio, é natural que o bilingüismo se faça presente, pois há a presença de duas línguas como meio de comunicação: a língua italiana e a língua portuguesa.

Vejamos o que entende-se por bilingüismo:

“... bilingüismo é a situação em que coexistem duas línguas como meio de comunicação num determinado espaço social, ou seja, um estado situacionalmente compartimentalizado de uso de duas línguas”. (HEYE, *in*: RONCARATI 2003, p. 233).

Os entrevistados do grupo de terceira idade do presente estudo utilizam estas duas línguas, no contexto social: na igreja, nas festas, e quando o ambiente não sugere a abertura para este idioma, os mesmos utilizam o português com “traços” da língua italiana para se comunicar.

A bilingüidade está ligada ao *status* lingüístico. Dependendo do momento em que o indivíduo está vivendo e o grupo de convívio a que ele pertence, o bilingüismo pode se fazer presente ou ficar oculto.

De certa forma, há uma relação entre o bilingüismo e a bilingüidade, ou seja, parti-

mos das dimensões de bilingüismo para tratar dos estágios de bilingüidade que favorecem os indivíduos falantes a se comportarem nas diferentes fases de sua vida através dos diferentes contextos: familiar, social, escolar e profissional.

Segundo Heye:

“bilingüidade é definida como os diferentes estágios distintos de bilingüismo, pelos quais os indivíduos, portadores da condição bilíngüe, passam na sua trajetória de vida. Os estágios são vistos como processos situacionalmente fluídos e definem, de forma dinâmica a bicompetência lingüística, comunicativa e cultural nas diferentes épocas e situações de vida”. (HEYE, *in*: RONCARATI, 2003, p. 233).

A bilingüidade está presente nos diferentes contextos vividos por nossos informantes que em sua maioria possuem quase oito décadas de vida, como: a repressão de Vargas, o pouco acesso aos meios de comunicação e hoje, convivem com a era digital avançada e mesmo assim, ainda *preservam o bilingüismo*.

É possível perceber que o bilingüismo e a bilingüidade estão ligados a este estudo, pois sugere um campo de pesquisa, baseado no comportamento lingüístico de um grupo de falantes, no caso aqui, os informantes de terceira idade, aos quais possibilita verificar tendências e comportamentos comunicativos existentes nesta comunidade de fala.

### 3.2.3 Línguas em contato

Há no cenário mundial um grande número de línguas em uso.

Para Calvet:

“torna-se evidente que o mundo é plurilíngüe em cada um de seus pontos e que as comunidades lingüísticas se costeiam, se superpõem continuamente. O plurilingüismo faz com que as línguas estejam constantemente em contato. O lugar desses contatos pode ser o indivíduo (bilíngüe, ou em situação de aquisição) ou a comunidade. E o resultado dos contatos é um dos primeiros objetos de estudo da sociolingüísti-

ca”. (CALVET, 2002, p. 35).

Neste caso, a comunidade em estudo é bilíngüe, poi a língua italiana e a língua portuguesa estão em constante contato.

### **3.2.4 Misturas de línguas, alternâncias de código e estratégias lingüísticas**

A utilização de palavras de línguas diferentes e alternâncias de código podem ter funções diferenciadas, mas em todos os casos o contato com a língua produz situações que revestem uma significação social. Porém Calvet (2002, p. 51) lembra que “... a comunicação se produz a despeito do plurilinguismo, ou sobretudo sob a forma de *administração* do plurilinguismo.”

Aqui, nossos informantes da terceira idade são de uma geração que conviveu na sua juventude com os seus avós e bisavós que vieram da própria Itália, o que caracteriza um contato bilíngüe bastante influente para seu processo comunicativo e o que não é a realidade da maioria do grupo de adultos pesquisados, em que o contato com os bisavós foi bem menor.

## 4 METODOLOGIA

Nesta seção, descrevemos o procedimento metodológico da pesquisa: a gravação e realização das entrevistas, a transcrição das falas dos informantes e o modo como pretendemos analisar e discutir os dados alcançados com os 08 informantes de terceira idade do município de Treze de Maio (SC).

### 4.1 LINHA E GRUPO DE PESQUISA LIGADOS A ESTA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação integra os estudos realizados no projeto "Linguagem e processos sociais", coordenado pela professora doutora Mariléia Reis, e insere-se na linha de pesquisa Textualidade e Práticas Discursivas do Programa do Mestrado em Ciências da Linguagem da UNISUL. O projeto "Linguagem e processos sociais" analisa as relações entre linguagem e sociedade. O objeto comum nos subprojetos desenvolvidos é a descrição da covariação sistemática das variações lingüísticas decorrentes de pressões sociocomunicativas em textos orais e escritos de língua portuguesa. As atividades de pesquisa seguem o roteiro de Bright (1966), segundo o qual podemos identificar um conjunto de fatores socialmente definidos, com os quais se supõe que a diversidade lingüística, nos mais variados textos, esteja relacionada. Entre esses fatores destacam-se: a identidade social do falante e do ouvinte; o contexto social, por considerá-lo relevante, por exemplo, no estudo das diferenças entre a forma e a função dos estilos formal e informal; e, o julgamento social distinto que os falantes fazem sobre o seu próprio comportamento lingüístico e sobre o comportamento dos outros, isto é, as atitudes lingüísticas<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Da linha de pesquisa 'Textualidades e práticas discursivas' decorrem cinco projetos. Além do projeto 'Lingua-

Em relação ao Grupo de Pesquisa do Programa do Mestrado em Ciências da Linguagem, esta dissertação insere-se no GADIPE (Grupo de Análise do Discurso: Pesquisa e Ensino), especificamente nos estudos que tratam da relação entre pesquisa e ensino.

### **GRUPO DE ANÁLISE DO DISCURSO: PESQUISA E ENSINO – GADIPE**

Este grupo, que foi criado em 2002 e recomposto em 2003, tem como integrantes os professores doutores: Ingo Voese, Maria Marta Furlanetto, Mariléia Silva dos Reis e Wilson Schuelter. Os trabalhos em desenvolvimento são articulados pelas linhas de pesquisa *Análise discursiva de processos semânticos e Textualidades e práticas discursivas*. Os estudos do texto e do discurso têm como meta o exame das relações entre enunciação, discurso e fatores sócio-históricos, e representam abertura do campo de exploração da semântica para a produção concreta de enunciados em meios diversos. Em todos os casos põe-se como elemento fundamental a interação verbal, no contexto das comunidades. Os textos (orais e escritos), como manifestação de discursos diversos, se apresentam como unidades de análise, devendo ser compreendidos em sua organização, em sua temática, em seu gênero, ou seja, em seu uso. A intersubjetividade é tema constante e indispensável para refletir sobre as relações humanas no interior da sociedade.

Os estudos vinculados a essa abordagem procuram questionar as dicotomias, voltando-se para o dinamismo da linguagem e para a multiplicidade de seus registros, que são estudados por si mesmos ou em referência ao chamado padrão.

---

gem e processos sociais', esta linha de pesquisa contempla os projetos: "Análise crítica do discurso: questões de poder e de gênero" investiga, com base nos aparatos teórico e metodológico da Análise Crítica do Discurso, aspectos lingüísticos e discursivos de discursos oficiais e públicos. O projeto "Encaixe dos gêneros textuais no jornal: a questão dos intragêneros" analisa as inter-relações em um conjunto de gêneros socio-historicamente constituído, o dos gêneros que integram o jornal. O projeto "Pragmática, cognição e interação" estuda aspectos cognitivos e interacionais envolvidos na relação homem/linguagem. O projeto "Linguagem e hipertexto" examina processos de virtualização do texto em meios eletrônicos, desde sua produção até sua recepção.

A Análise do Discurso é uma das vertentes teóricas que fundamentam as pesquisas deste Grupo. Outra vertente associa estudos específicos da língua oral à modalidade escrita, explorando recursos estilísticos. Constitui uma terceira vertente o estudo da linguagem utilizada nos meios informatizados, com enfoque no hipertexto, acompanhando as mudanças na linguagem que as novas tecnologias de informação e comunicação vêm patrocinando. Além das questões teóricas, os projetos têm objetivos que dizem respeito à participação nas discussões sobre ensino e aprendizagem da língua portuguesa, e se imbricam, então, na sub-área de Lingüística Aplicada. Isso implica, por extensão, uma reflexão sobre o contexto sociocultural do país.

Os projetos em desenvolvimento pelo GADIPE são:

- Análise do discurso e ensino (Ingo Voese)
- Tendências no uso escrito culto do português brasileiro (Maria Marta Furlanetto)
- PROCOTEXTOS – projeto de coleta de textos orais e escritos de falantes/redatores da região da AMUREL – Associação dos Municípios da Região de Laguna (Mariléia Silva dos Reis)
- Linguagem virtual, cibergênero e hipertextualidade (Wilson Schuelter).

## **4.2 DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS CONTROLADAS**

A descrição da amostra constitui-se de textos orais, coletados sob a forma de entrevistas informais e de registros gravados em forma de diálogos (conversações) entre descendentes italianos de Treze de Maio. Ao todo, somam oito (08) informantes, de terceira idade.

A seguir, descreveremos alguns traços sociais que caracterizam nossos informantes a partir das variáveis independentes controladas.

### 4.2.1 Variável dependente

Tomamos como variável *dependente* a alternância fônica do ditongo nasal /ãw/, que se realiza como /aw/, /õw/ e /ũw/, em vocábulos monossílabos e no final de vocábulos oxítonos, nos textos orais espontâneos de informantes ítalo-brasileiros de terceira idade, do município de Treze de Maio (SC).

### 4.2.2 Variáveis independentes

As variáveis independentes controladas neste estudo são de duas naturezas: a lingüística e a extralingüística, a fim de verificarmos que contextos podem estar motivando (ou não) a alternância fônica do respectivo ditongo na fala dos imigrantes de terceira idade analisados.

As *variáveis independentes de natureza lingüísticas* são os contextos lingüísticos que envolvem a alternância fônica do ditongo nasal /ãw/ em vocábulos monossílabos e em final de vocábulos oxítonos.

As *variáveis independentes de natureza extralingüística* foram as variáveis de natureza externa às palavras constituintes dos respectivos ditongos: variáveis *diatópicas* (região geográfica, étnica), *diastráticas* (profissão, classe social) e *sociais* (sexo, idade e escolaridade).

#### 4.2.2.1 DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES LINGÜÍSTICAS

Nos estudos descritivistas da linguagem, o controle de variáveis de natureza lingüística podem (ou não) mostrarem-se significativos. No nosso grupo de estudo do mestrado em ciên-

cias da linguagem da UNISUL, o GADIPE, por exemplo, na dissertação de Pereira (2004)<sup>10</sup>, que trata da descrição da monotongação na fala de informantes de Tubarão (SC), o controle das variáveis lingüísticas mostrou-se significativo. Por exemplo: no caso dos vocábulos *leite* e *doído*, o apagamento da semivogal /y/ não se realizou, pelo fato de os contextos lingüísticos posteriores aos ditongos /ey/ e /oy/, representados pelos fonemas consonantais /t/ e /d/, respectivamente, não motivam a monotongação. Já nos vocábulos: *cadeira*, *caixa* e *queijo*, por exemplo, o apagamento da semivogal /y/ sofreu motivação dos contextos lingüísticos posteriores /r/, /x/ e /j/, podendo, então, ser pronunciados ‘cadeira’, ‘caixa’ e ‘queijo’. Nos textos orais de falantes tubaronenses (crianças, adultos e idosos), os resultados de monotongação e ditongação nos contextos lingüísticos acima descritos foram categóricos.

Para entendermos o fenômeno lingüístico que acontece na região de Treze de Maio, pretendemos controlar a partir da descrição das variáveis lingüísticas e extralingüísticas a ocorrência da alternância fônica do ditongo nasal /ãw/ que se realiza como /aw/, /õw/, /ũw/ em vocábulos monossílabos e no final de vocábulos oxítonos.

#### 4.2.2.2 DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES EXTRALINGUISTICAS

Vimos que a variação é essencial à própria natureza da linguagem humana. A escolha de uma variável pode depender de alguns fatores.

“(...) a regra variável acontece quando duas ou mais formas estão em concorrência num mesmo contexto e a escolha de um depende de uma série de fatores, tanto de ordem interna ou estrutural como de ordem externa ou social.” (LABOV, *apud* MONTEIRO, 2000, p. 28).

---

<sup>10</sup> PEREIRA, Gerusa. **Monotongação dos ditongos /aj/, /ej/, /ow/ no português falado em Tubarão (SC): estudos de casos.** 2004 (Dissertação Mestrado em Ciências da Linguagem) disponível no site [www3.unisul.br/linguagem](http://www3.unisul.br/linguagem)



Nos estudos de linguagem, vimos que os falantes adquirem as variedades lingüísticas próprias a sua região, de sua classe social, profissão, grupo de amizade, e assim por diante. Diante disso, Alkmim *apud* Bentes e Mussalin, 2001, p. 34) ressalta ainda dois parâmetros de variação importantes neste contexto, um em que podemos descrever as variedades lingüísticas a partir de dois parâmetros básicos: a variação geográfica (diatópica) e a variação social (diastrática).

A variável extralingüística de *natureza diatópica* caracteriza-se como a variável *regional* (onde vive o falante), e o *grupo étnico* (entia que pertence o informante). E a variável extralingüística de *natureza diastrática* trata de toda a estratificação social do informante: *sexo, idade, escolaridade, profissão*.

Nesse estudo, estamos controlando as variáveis sexo, escolaridade, idade e grupo étnico. A língua é um fenômeno social e a fala está diretamente relacionada a atitudes sociais.

Existem diferenças lingüísticas condicionadas pelo fator da idade do falante. As mais evidentes são as que se observam no período da aquisição da linguagem, pois a criança não consegue articular bem os fonemas ou generaliza a aplicação de um dado padrão morfossintático. Mas há também diferenças entre a linguagem dos idosos e dos jovens. Porém, esta variação lingüística detectada em função da idade do falante pode ou não denunciar a ocorrência de um fenômeno de mudança.

Vejamos:

“em média os falantes mais idosos podem ter um nível educacional e profissional mais baixo do que os mais jovens. E isto causa um viés: se um grupo de jovens tem hábitos lingüísticos diferentes de outro constituído de pessoas idosas, pode acontecer que o fato seja muito menos um reflexo da diferença de idade do que da diversidade de classe, profissão ou nível de escolaridade”. (LABOV, 1994, *apud* MONTEIRO, 2000, p. 132).

É importante ressaltar ainda, que em termos de faixa etária nem sempre um padrão característico de determinada faixa etária (que se repete em cada geração) pode representar uma mudança na comunidade como um todo. Vários fatores contribuem para a característica de fala dos indivíduos e muitas vezes não é a faixa etária o fator de maior ênfase, pois há

outras influências que podem determinar hábitos lingüísticos diferentes, como: classe social, profissão ou nível de escolaridade.

A *variação geográfica* ou *diatópica* envolve as diferenças que abrangem o espaço físico, sendo relevante a geografia distinta, que caracteriza cada região do país em particular. Por exemplo, se compararmos a fala de moradores das cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Fortaleza, certamente cada uma delas apresentará variações que caracterizam sua região.

A *classe social*, sem dúvida, é fator de investigação, pois as variáveis de profissão, renda, escolaridade exercem influência na variação. Porém Labov chama atenção para a presença de variáveis intervenientes, ou seja, por exemplo, a escolaridade. O analfabetismo, por exemplo, está mais presente nas classes menos favorecidas, mas não significa dizer que quem tem escolaridade pertença à classe alta da sociedade. A variação *social* ou *diastrática* está ligada diretamente ao conjunto que caracteriza uma organização sócio-cultural de uma determinada comunidade de fala.

Variável *gênero (sexo)*. Além das diferenças no ritmo e tom de voz, há certas crenças populares de que as mulheres falam muito mais do que os homens ou que falam muito mais rápido. Para este estudo tomaremos informantes de ambos os sexos.

Variável *escolaridade*. A escola legitima determinadas construções lingüísticas como padrão. Mas também sabemos que, durante muito tempo, o acesso à escola foi privilégio de poucas pessoas, assim como é o caso dos nossos informantes entrevistados. As classes mais desfavorecidas no Brasil são aquelas em que o índice de analfabetismo é mais alarmante. Isso não significa que toda pessoa com instrução superior pertença aos estratos mais elevados da sociedade.

Pretendemos com este estudo também investigar o nível de escolaridade dos informantes, para constatar (ou não) a influência deste fator na ocorrência da alternância fônica do ditongo nasal /ãw/ que se realiza como /aw/, /õw/ e /ũw/.

### 4.3 Procedimento metodológico

Para obtermos a amostra desta pesquisa e chegarmos ao banco de dados foram realizadas Entrevistados oito (08) informantes, sendo de ambos os sexos, pertencendo a terceira idade, ou seja, todos com idade acima de 65 anos, residentes em Treze de Maio (SC), e com descendência ítalo-brasileira.

As gravações com as pessoas de terceira idade aconteceram na própria residência de cada informante em forma de visitação casual, sendo que acompanhou o trabalho em alguns casos uma terceira pessoa (informante também) descendente ítalo-brasileira, com idade de 78 anos, o que permitiu uma conversa mais informal/natural com os entrevistados através de um diálogo, norteando o eixo que envolve as “histórias e relatos de suas vidas”. Os dados desta informante serão computados uma única vez (na interlocução da informante 1 com os informantes 4 e 5). Os dados registrados na conversação com os demais informantes ficam registrados nesta pesquisa mas não são computados para o banco de dados.

A pesquisa aconteceu entre final de 2004 e meados de 2005 quando foram realizadas as gravações das entrevistas com pessoas da terceira idade utilizando-se para o registro das informações um aparelho gravador, sendo que a gravação da conversação variou entre 15 a 30 minutos dependendo de cada caso. Os colaboradores para estas informações residem na área urbana e rural de Treze de Maio (SC).

Uma das informantes, aquela a que sempre nos referimos como informante 1, foi a co-responsável juntamente com a pesquisadora para chegarmos informalmente até a residência de alguns dos “nonos e nonas” (informantes da terceira idade).

Nas entrevistas a pesquisadora ligava o aparelho gravador sem que os informantes percebessem, pois o objetivo era deixá-los extremamente à vontade. Somente ao final das entrevistas é que os informantes eram comunicados sobre a gravação e era solicitado a permissão do uso da entrevista para fins de pesquisa de um trabalho acadêmico do Curso de Ci-

ências da Linguagem - UNISUL.

Obedecemos a alguns critérios como o controle de variáveis independentes de natureza lingüística como: sexo, idade, escolaridade e etnia, visando assim o propósito de descrever de que modo ocorreu a alternância fônica do ditongo nasal /ãw/ ~ /õw/, /ũw/, /áw/ em descendentes bilíngües (italiano-português) de terceira idade do município de Treze de Maio (SC).

Os resultados estatísticos para o procedimento de leitura das informações foram elaborados pela pesquisadora. Então, após ter efetuado as gravações e com o material a disposição, o passo seguinte foi realizar as transcrições da fala dos informantes, destacando-se entre colchetes as palavras que apresentavam alternância fônica do ditongo nasal /ãw/ que é o objeto principal de estudo (conforme os exemplos da amostra no anexo D que apresenta transcrições realizadas com informantes de terceira idade. Todo este material está gravado em fitas cassete.

É importante salientar que há trechos na transcrição das fitas, onde o dialeto italiano juntamente com o português brasileiro dos informantes não propiciou clareza nas palavras ficando assim, trechos sem transcrição.

Após esta etapa realizada, o passo seguinte foi o de organizar um quadro para a análise das informações de cada fita, informando os dados de escolaridade, idade, sexo, vocábulos que apareceram nas conversações, o número de ocorrências, o contexto anterior e contexto posterior em que foram evidenciados os ditongos e a realização do ditongo /ãw/, considerando as alternâncias /aw/, /õw/ e /ũw/ conforme anexo E.

Através deste recurso as informações ficaram mais concentradas, ou seja, acoplar dados e informações permitem visualizar o todo do trabalho, propiciando uma leitura mais objetiva do foco da pesquisa. No decorrer do trabalho encontramos o *quadro 2*, constando os *dados de identificação social* dos informantes de terceira idade. Utilizamos o *quadro 4* para apresentar a *distribuição das alternâncias no corpus do texto dos informantes de terceira idade* em forma de percentual. É importante lembrar que foram retirados do texto as palavras que

apresentaram alternância fônica do ditongo nasal /ãw/ para a construção dos quadros e terior análise. Porém, os demais vocábulos contidos nas transcrições servirá de dados para pesquisas futuras, já que as mesmas estarão à disposição no Banco de Dados da Unisul – Universidade do Sul de Santa Catarina.

Com o banco de dados elaborado, tomamos como aplicação às variáveis controladas para atendermos às questões metodológicas da pesquisa.

Porém, uma das questões que podem ser indagativas é o por quê de um estudo relacionado a fala de pessoas de terceira idade, mais especificamente?

Quando tratamos de fala/língua, logo nos remetemos à questões atuais como: linguagem virtual, linguagem da mídia ou linguagem jornalística.

Porém, convivendo muito próximo à pessoas de terceira idade na cidade de Treze de Maio (SC), tornou-se visível ainda em pleno século XXI, fortes traços da cultura italiana, o jeito de falar – o “bilingüismo” e esta prática chamou-me a atenção e remetendo-me a um estudo mais aprofundado, relatados aqui nesta pesquisa.

A preocupação em desenvolver uma pesquisa nesta área, significa a própria valorização da cultura, bem como “guardar” informações de uma língua ainda hoje falada, mas que está aos poucos desaparecendo nas gerações mais jovens e que as gerações futuras, possivelmente conhecerão apenas pelos registros deixados através de estudos acadêmicos realizados.

Temos como prática nos ambientes escolares ainda hoje, educadores que não oportunizam um espaço em suas aulas para que seus alunos possam falar e se manifestarem naturalmente através de seus costumes trazidos de casa, a partir de outras expressões étnico-culturais manifestas não-verbalmente como por exemplo: vestimenta, alimentação italiana e principalmente *a sua fala*.

Durante nossa pesquisa muitas foram as conversas registradas entre as pessoas mais idosas, descendentes de italianos, e também a um grupo de informantes mais jovem descendentes destes imigrantes, analisando a forma como conservam a manutenção da variedade

dialetal na região com forte expressão do dialeto italiano trouxe para esta pesquisa dados importantes para uma geração que ainda preserva o bilingüismo (italiano e o português) em suas falas no cotidiano e que muito pouco são valorizados. Porém, estes informantes através das entrevistas nos forneceram subsídios que nos possibilitarão entender o processo de alternância fônica do ditongo /ãw/ e que possibilitará para a geração ainda mais jovem de descendentes (netos, bisnetos) destes imigrantes entender melhor este fenômeno de linguagem, (re)conhecendo e valorizando a nossa própria história lingüística que aos poucos está sendo esquecida no próprio contexto escolar.

E colaborando assim para que esta manifestação lingüística característica na cidade de Treze de Maio (SC) não venha a desaparecer e que este estudo com base na Teoria de Labov contribua na desmistificação que envolve o preconceito da língua, fazendo com que o aluno da escola pública e privada, deixe de ter vergonha de suas origens e que traga a sua família para participar da vida escolar sem nenhum constrangimento.

Este material, hoje ou num futuro bem próximo, poderá também servir didaticamente aos profissionais da área da educação, facilitando seus trabalhos em sala de aula, entendendo o porquê de algumas formas diferenciadas do falar, evitando assim, a ridicularização e o preconceito criado por aqueles que não conhecem esta forma de manifestação lingüística dos falantes do município de Treze de Maio (SC).

## 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, vamos analisar e discutir os resultados obtidos na pesquisa. O *corpus* total foi coletado a partir das entrevistas realizadas com 08 informantes descendentes de imigrantes italianos, de terceira idade, somando **295** ocorrências.

Nossa co-relação e diálogo com os informantes de terceira idade aconteceu em grande parte com a interlocução da informante 1: durante algumas gravações ela foi a facilitadora do processo de interação entre a pesquisadora e os sujeitos, por ser a avó materna, melhor, ‘nona’ da pesquisadora, com 79 anos. E na realização das gravações dos informantes adultos a pesquisadora realizou este trabalho individualmente. Inicialmente, apresentamos, no quadro 2, os dados de identificação social dos informantes que participam desta pesquisa lingüística.

<i>Informantes</i>	<i>Idade</i>	<i>Sexo</i>	<i>Escolaridade</i>	<i>Naturalidade</i>	<i>Descendência ITALIANA</i>
<i>Informante 1</i>	78	Feminino	Primário Incompleto	Brasileira	Avós (paternos e maternos) <sup>11</sup>
<i>Informante 2</i>	80	Masculino	Primário Incompleto	Brasileira	Avós (paternos e maternos)
<i>Informante 3</i>	74	Feminino	Analfabeta	Brasileira	Avós (paternos e maternos)
<i>Informante 4</i>	66	Feminino	Primário Incompleto	Brasileira	Bisavós (maternos e paternos)
<i>Informante 5</i>	65	Masculino	Primário Incompleto	Brasileira	Bisavós (maternos e paternos)
<i>Informante 6</i>	71	Feminino	Primário Incompleto	Brasileira	Avós (maternos e paternos)
<i>Informante 7</i>	73	Masculino	Primário Incompleto	Brasileira	Avós (maternos e paternos)
<i>Informante 8</i>	76	Feminino	Analfabeta	Brasileira	Bisavós (maternos e paternos)

**Quadro 2: Dados de identificação social dos informantes de terceira idade**

Nesse quadro 2, apresentamos os dados sociais que caracterizam a identidade de nossos informantes bilíngües (português e italiano) de terceira idade, moradores da cidade de Treze de Maio (SC), que se dispuseram a contribuir com esta pesquisa. Os dados sociais dos informantes considerados nesta pesquisa são: idade, sexo, escolaridade, nacionalidade e des-

<sup>11</sup> Pretendemos realizar um estudo correlato da fala das três gerações seqüentes dos referidos informantes, numa

condição. Como vemos no quadro 2, todos eles têm avós e/ou bisavós nascidos na Itália.

Por este quadro, traçamos o perfil do grupo de sujeitos em estudo.

Nosso primeiro passo para a operacionalização do estudo foi a partir das gravações dos textos orais de nossos informantes e, posteriormente, das transcrições destes respectivos textos constitutivos do nosso *corpus* de estudo, que é a descrição das alternâncias fônicas do ditongo nasal /ãw/ ~ /áw/, /õw/ e /ũw/ como vemos no quadro no quadro 3:

Informantes	Ocorrências de /ÃW/		Ocorrências de /ÁW/		Ocorrências de /ÕW/		Ocorrências de /ŨW/		TOTAL de ocorrências	Percentual de ocorrências
SEXO MASC	02		17		59		19		97	32,9
SEXO FEM	15		27		143		13		198	67,1
Total de ocorrências	17	5,7%	44	15%	202	68,5%	32	10,8%	295	100

**Quadro 3: Distribuição do *corpus*: cômputo dos 295 usos das alternâncias fônicas analisados nos informantes de terceira idade.**

O quadro 3 aponta a variante mais recorrente na fala destes descendentes de italianos investigados, que é a alternância mais posteriorizada /õw/, alcançando um percentual de aproximadamente 68,5% de todas as ocorrências, ou seja, 202 vocábulos do total geral de 295.

Diante dos dados apresentados no quadro acima, o resultado confirma a nossa **hipótese inicial**, segundo a qual, a variante de traço mais posterior, na fala dos informantes de terceira idade é a que se realiza como /õw/, a que deveria ser a mais recorrente na fala destes imigrantes de terceira idade foi corroborada no presente estudo.

A comprovação vem no resultado do quadro acima, onde constatou-se que a variação /õw/ esteve presente de forma expressiva na população de terceira idade.

Acreditamos ainda que este fenômeno característico nos informantes de terceira idade em especial, se deve pelo fato de esta posteriorização do ditongo nasal anterior /ãw/ ser mais característica do idioma italiano (europeu) na articulação do respectivo ditongo, quer seja nos vocábulos oxítonos ou monossílabos, e também pelo fato de os avós e bisavós dos informan-



tes serem de nacionalidade italiana (e não brasileira), o que permitiu que eles convivessem diretamente com falantes europeus.

Analisamos e caracterizamos os contextos extralingüísticos que poderiam estar motivando (ou não) a alternância fônica da vogal central do ditongo nasal /*ãw*/ para a sua realização oral em /*aw*/ e sua realização mais posterior em /*õw*/ e /*üw*/ nos textos orais dos informantes analisados e observamos que estes não foram significantes, pois em todos os casos os contextos anteriores vieram precedidos de consoantes e os contextos posteriores de silenciamento.

Para entendermos melhor como chegamos ao banco de dados com um total de 295 dados, analisemos os quadros 4 e 5 abaixo.

Neste quadro 4, temos o banco de dados dos informantes de terceira idade que contribuíram para esta pesquisa. Com já falamos, em alguns casos a informante 1 esteve presente na interlocução com os demais informantes, ou seja, os números que constam entre parênteses são informantes que participaram da interlocução, porém somente os dados do informante principal naquele momento da entrevista teve seus dados registrados.

Informantes e (Interlocutores)	Variante / <i>ãw</i> /		Variante / <i>áw</i> /		Variante / <i>õw</i> /		Variante / <i>üw</i> /		Total	Percentual
	Total	Percentual	Total	Percentual	Total	Percentual	Total	Percentual		
Inf 1 (4 e 5) <sup>12</sup>	01	3,4	02	6,9	22	75,9	04	13,8	29	100
Inf 2 (1 e 3)	01	2,0	13	26	21	42	15	30	50	100
Inf 3 (1 e 2)	-	-	01	33,3	01	33,3	01	33,3	03	100
Inf 4 (1 e 5)	01	10	-	-	08	80	01	10	10	100
Inf 5 (1 e 4)	01	4,5	01	4,5	19	86,3	01	4,5	22	100
Inf 6 (1)	05	8,6	09	15,5	42	72,4	02	3,4	58	100
Inf 7 (1 e 8)	-	-	03	12	19	76	03	12	25	100
Inf 8 (1 e 7)	01	6,2	03	18,8	12	75	-	-	16	100

**Quadro 4: Distribuição das ocorrências dos ditongos, segundo a interlocução dos informantes de terceira idade**

<sup>12</sup> Lê-se 'Informante 1 interagindo com informantes 4 e 5'.

É importante salientar que a Informante 1, que esteve presente em algumas interlocuções e que tem hoje quase 80 anos, a mesma fala português e italiano, apesar de ter estudado até a 3ª série do primário. A informante, mesmo tendo nacionalidade brasileira, conviveu de perto com os avós que vieram da Itália da região de Belugno.

O resultado deste banco de dados nos leva a acreditar que o pouco acesso à escola e à convivência muito próxima dos referidos informantes de terceira idade (avós e bisavós) influenciou para que este fenômeno lingüístico se caracterizasse nesta cidade do Sul de Santa Catarina.

Dentre as variáveis controladas, percebeu-se também que entre os informantes de terceira idade a escolaridade não se mostrou significativa, pois tanto analfabetos quanto informantes que freqüentaram a escola, utilizam a variante /õw/.

É importante ressaltar que as mulheres de terceira idade do total geral de dados utilizaram a variante /õw/, totalizando 143 alternâncias. Já os homens, 59 ocorrências, conforme quadro 2, anteriormente analisado.

Porém, fica evidente que, atualmente, o acesso à escola está bem mais acessivo e que a própria necessidade de estudo para obter-se um emprego levou homens e mulheres a uma mudança de comportamento neste sentido. Isto nos leva a acreditar que, dentro de pouco tempo, este fenômeno lingüístico característico desta cidade do Sul de Santa Catarina tende a desaparecer, graças à influência das novas tecnologias e aos fatores sociais e culturais em que os informantes vivem.

Mas, diante destes registros alcançados, é importante ressaltar que, vivendo no século XXI, a escola não pode ignorar os restícios lingüísticos resultantes da colonização do século XX, como é o caso dos italianos em Treze de maio (SC). É preciso conviver e entender as manifestações lingüísticas de forma a não ridicularizar os descendentes, ampliando-lhes o horizonte cultural, social e lingüístico, a fim de que percebam que este é um processo históri-

co e que sofre mudanças com o passar dos anos.

A escola, como instituição de ensino, está distante de desenvolver a intermediação eficiente de intercâmbio e valorização das diferentes línguas em uma determinada comunidade, pois a educação no Brasil carrega ranços do século XVI, conteúdos do século XIX, professores do século XX, para trabalhar com alunos do século XXI. Ou seja, na prática, trabalhar com estes diferenciais não é tarefa fácil, além do mais a escola com o seu objetivo maior que é o educar percorre por caminhos cheios de surpresas, conflituosos e repletos de desafios, pois cada aluno é um ser em individual, com valores e opiniões agregadas.

“O estudo das línguas de diferentes culturas deixa claro, da mesma forma, que não há línguas mais complexas ou mais simples, mais lógicas ou menos lógicas: todas elas são adequadas às necessidades e características da cultura a que servem, e igualmente válidas como instrumento de comunicação” . (SOARES, 1999, p.39)

A Proposta Curricular de Santa Catarina traz a preocupação com a valorização daquilo que o indivíduo traz de casa, que o aluno não seja apenas ouvinte/receptor no processo de comunicação verbal, mas, ao mesmo tempo, sabe-se que trabalhar de forma coletiva com as idéias não é uma tarefa muito fácil e que nem sempre o aluno constrói a partir do que ele sabe e que nem sempre os valores trazidos de casa são valorizados, pois tudo isto também precisa de um trabalho de aperfeiçoamento do profissional que trabalha diretamente com esta clientela, e este problema é “falho”, pois o Estado não fornece cursos continuados de treinamento e técnicas para desenvolver um trabalho diferenciado com os diferentes casos que temos na escola.

A trajetória cultural, social e também lingüística tem fundamental importância no segmento de transformação social, através da mudança de pensamento e, posteriormente, mudanças de atitudes. E Soares apresenta uma alternativa para que possamos conviver melhor com estas diferenças lingüísticas, culturais e sociais com os quais precisamos nos adaptar:

“ A postura mais amplamente adotada, na perspectiva das diferenças dialetais, é a do

*bidialetismo*: falantes de dialetos não-padrão devem aprender o dialeto –padrão, para usá-lo nas situações em que é requerido: isto é, a solução educacional seria um *bidialetalismo funcional*..” (SOARES, 1999, p. 49).

Falando ainda sobre este estudo e de como o professor deve direcionar sua perspectiva do uso da língua na escola, uma vez que a fala dos avós acaba refletindo na língua falada na geração mais jovem, Mirian Lemle diz que:

“A sua missão não é a de fazer com que os educandos abandonem o uso da gramática ‘errada’ para substituírem pela gramática ‘certa’, e sim auxiliá-los a adquirirem, como se fora uma segunda língua, competência no uso das formas lingüísticas da norma socialmente prestigiada, à guisa de um acréscimo aos usos lingüísticos regionais e coloquiais que já dominam. A noção essencial aí é a adequação: existem usos adequados a um dado ato de comunicação verbal, e usos que são socialmente estigmatizados quando usados fora do contexto apropriado. A comparação com as regras de uso de vestimenta é esclarecedora: assim como difere o tipo de roupa a ser usada segundo o tipo de ocasião, também diferem segundo a ocasião social as características da linguagem apropriada. Ficam socialmente estigmatizados os falantes inadimplentes às regras do jogo, tal como as pessoas que não cumprem as convenções sociais do bem vestir”. (LEMLE *apud* SOARES, 1999, p. 49)

O que se percebe é que não é nada “certo” ou “errado” na área da comunicação, o importante é os ajustes do uso da língua conforme ocasião social de uso. Quanto à descendência, o que percebemos é que, quanto maior o distanciamento da geração com os avós ou bisavós vindos da Itália, menor é a utilização da alternância /õw/.

## 5.1 (IN)SIGNIFÂNCIA DO CONTROLE DOS CONTEXTOS LINGÜÍSTICOS E EXTRALINGÜÍSTICOS

### 5.1.1 Controle dos contextos lingüísticos

Um dos nossos objetivos propostos diz respeito ao controle de duas variáveis de natu-

reza lingüística: (i) o controle dos contextos anterior e posterior ao ditongo nasal /ãw/, e o (ii) controle da variação em vocábulos (monossílabos e vocábulos oxítonos), para detectarmos possíveis motivações (ou não) em relação à alternância fônica ditongo nasal /ãw/ para sua realização oral em /aw/ e sua realização nasal mais posterior em /õw/ e /ũw/ nos textos orais dos informantes em questão.

Analisamos os contextos anteriores principalmente tanto dos monossílabos como das oxítonas onde ocorreram os fenômenos da alternância. No caso dos monossílabos, todos os contextos anteriores vieram precedidos de consoantes, como, por exemplo: von (vão), non (não), son (São), chon (chão) e pon (pão), já os contextos posteriores foram marcados pela “pausa” ou “silenciamento”.

No caso das oxítonas, também constatou-se que o contexto anterior veio precedido de consoantes, veja os exemplos: alimentaçon (alimentação), piron (pirão), salon (salão), previson (previsão), poron (porão), entoon (então) caloroon (calorão) e coraçáum (coração) no caso dos informantes de terceira idade e nos informantes adultos como nas palavras irmão, coração, criação o contexto anterior veio precedido de consoante e o posterior de silenciamento.

Constatamos que tanto o contexto anterior como contexto posterior, e não mostraram-se significativos para a pesquisa.

### 5.1.2 Controle dos contextos extralingüísticos

Na realização deste estudo, um de nossos objetivos propostos foi o de analisar e caracterizar os contextos extralingüísticos que poderiam (ou não) estar motivando a alternância fônica da vogal central do ditongo nasal /ãw/ para sua realização oral em /aw/ e sua realização mais posterior em /õw/ e /ũw/ nos textos orais dos informantes analisados. Então, para a análise desta pesquisa lingüística controlamos: *a idade, o sexo, a escolaridade e a descen-*

*dência como fatores de controle extralingüístico.*

Com relação ao controle **IDADE**, ficou constatado como um dos contextos de influência na realização da variação pois, todos os informantes de terceira idade (abrangendo informantes desde os 65 até os 83 anos) apresentaram alternância fônica do ditongo nasal /aw/ trata-se possivelmente de uma variação da língua característica de um grupo de pessoas que ainda carregam traços da fala aprendida na infância com seus familiares e que apesar de todas as mudanças sociais ocorridas durante todos estes anos em que vivem, preservam a fala característica de aproximadamente 60 anos atrás ou mais.

No que se refere ao contexto **SEXO**, contamos com cinco mulheres e três homens no banco de dados da terceira idade, porém o que se pode averiguar é que tanto as mulheres quanto os homens apresentaram alternâncias durante a fala.

Quanto ao contexto da **ESCOLARIDADE**, constatamos que o analfabetismo esteve presente apenas entre as mulheres em dois casos mais especificamente no grupo de terceira idade. Porém, é importante ressaltar que os demais informantes possuem o primário incompleto, o que caracteriza uma juventude marcada por muito trabalho na lavoura e muitos afazeres domésticos (no caso das mulheres) e pelo pouco acesso aos bancos escolares. Quanto mais contatos temos com outros falantes de outras gerações e culturas, é natural que a fala característica de nossa região vá mudando com o tempo ou até mesmo venha a desaparecer como passar das gerações.

No contexto da **NATURALIDADE E DESCENDÊNCIA**, todos os informantes aos quais entrevistamos são descendentes de italianos. E, por termos uma comunidade bilíngüe (português-italiano) bastante expressiva em pleno século XXI, é interessante um registro acadêmico desta manifestação lingüística.

É interessante ressaltar que, até o momento, nenhuma pesquisa nesta área tinha sido desenvolvida na região de Treze de Maio (SC).

Assim, na presente pesquisa, foi constatado que os contextos extralingüísticos de natu-

reza diatópica (grupo étnico constituinte do município de Treze de Maio/SC) e de natureza diastrática, principalmente relacionada à idade mostraram-se significativos. Entretanto, gostaríamos de ressaltar que precisávamos de um número ainda maior de informantes para correlacionarmos os seguintes grupos de fatores: idade (outras faixas etárias); escolaridade (além do primário incompleto e da não-escolaridade); profissão (além de agricultores, também setores terciários).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como objetivo através da análise e transcrição da fala dos informantes de terceira idade de Treze de Maio (SC), descrever a ocorrência da alternância fônica do ditongo nasal /ãw/ que se realiza /aw/, /õw/ e /üw/, a partir do controle do grupo de fatores lingüísticos e principalmente extralingüísticos (sexo, idade, escolaridade, etnia). Esta pesquisa foi motivada pela necessidade de entender melhor a diversidade lingüística e as particularidades de grupo de falantes de terceira idade de Treze de Maio. Por este motivo uma reflexão sobre aquelas que considero as principais abordagens nos estudos da linguagem foi importante para o desenvolvimento da pesquisa relacionado às variações lingüísticas. A adoção de um *corpus* elaborado através de pesquisa de campo foi essencial.

A **hipótese** norteadora desse estudo, segundo a qual a variante de traço mais posterior, que é a que se realiza como /õw/, deveria ser a mais recorrente na fala destes imigrantes foi corroborada no presente estudo. Como já mencionamos, é possível que este fenômeno de alternância fônica do ditongo nasal /ãw/ que se realiza como /aw/, /õw/ e /üw/, seja mais característico do idioma italiano europeu na articulação do respectivo ditongo, quer seja em vocábulos monossílabos e no final de vocábulos oxítonos, e também pelo fato de os avós e bisavós dos informantes serem de nacionalidade italiana (e não brasileira), o que permitiu que eles convivessem diretamente com falantes europeus. E os resultados alcançados nos levam para esta direção, uma vez que diante dos vocábulos analisados 68,5% deles, ou seja, 202 vocábulos foram realizados na variante /õw/ no grupo de terceira idade de um total de 295 dados.

De fato através *da análise fala dos informantes de terceira idade e com a descrição da*



*ocorrência da alternância fônica do ditongo nasal /ãw/ que se realiza como /ãw/, /õw/ e /ũw/, em vocábulos monossílabos e no final de vocábulos oxítonos da, propôs-se entender melhor a diversidade lingüística e as particularidades do grupo de falantes.*

Acreditamos que, especificamente neste fenômeno lingüístico em estudo, estamos contribuindo para a formação de professores com um maior conhecimento na área de variação lingüística dos falantes ítalo-brasileiros, desenvolvendo uma melhor interação entre aluno e professor em sala de aula respeitando assim as diversidades lingüísticas tão comuns no ambiente escolar. Assim, MATENCIO, 2001 diz que:

“...uma das decorrências dessa visão é a crença de introduzir na formação de professores, de forma sistemática, as contribuições dos estudos da interação professor/aluno pode levá-los a uma prática reflexiva, que lhes permita identificar como ações verbais realizadas em sala de aula manifestam e viabilizam ações didáticas de ensino/aprendizagem. Em outras palavras, acredito que os cursos de formação que tratam da língua falada devem incluir em seu programa a análise do gênero da aula, o que possibilitaria não apenas reflexão sobre as interações orais dialogadas como também sobre as práticas de ensino/aprendizagem.” (MATENCIO, 2001, p.14).

Num ambiente escolar, onde os professores dão oportunidades de um aluno falar e se manifestar sobre a sua forma de encarar o mundo, revelando seus costumes trazidos de casa e principalmente a sua fala, certamente o processo ensino- aprendizagem terá muito mais êxito. E desta forma, com professores melhor preparados é possível diminuir o estigma relacionado a outras linguagens manifestas por estes alunos descendentes de italianos, a partir de outras expressões étnico-culturais manifestas não-verbalmente (vestimenta, alimentação italianas, por exemplo); pois a manifestação cultural é lingüística e não se revela isoladamente mas, em todo um conjunto de características uma vez colocado o bilingüismo dos descendentes ítalo-brasileiros como diferença lingüística e não deficiência lingüística.

Durante nossa pesquisa contatamos ainda que as pessoas idosas, descendentes de italianos, conservam a manutenção da variedade dialetal na região com forte expressão do dialeto

italiano através do bilingüismo (italiano e o português) em suas falas no cotidiano.

Esperamos através deste estudo lingüístico, oferecer informações sócio-históricoculturais sobre o processo de alternância fônica do ditongo /ãw/ para as futuras gerações destes imigrantes, para que possam entender melhor este fenômeno da língua e que a leitura deste documento desperte o interesse pela língua de seus avós e bisavós re(conhecendo) a própria história lingüística que aos poucos está sendo desprestigiada na sociedade e até no contexto escolar.

Esperamos que o fato dos alunos não convidarem seus pais para participarem dos eventos que acontecem na escola, como: reuniões, palestras, festas comemorativas entre outros, não venha mais a acontecer, pois o presente estudo propôs a desmistificação que envolve o preconceito da língua, fazendo com que o aluno da escola pública, deixe de ter vergonha de suas origens e que traga a sua família para participar da vida escolar sem nenhum constrangimento, pois a pesquisa apontou para o fato de que estamos ligados diretamente de uma forma ou outra a este fenômeno da alternância fônica do ditongo nasal /ãw/, seja pela descendência italiana, ou pelo fato de sermos educadores ou ainda por frequentarmos ambientes no contexto da comunidade Trezemaiense em que tal fenômeno acontece. Não há como ignorar este fato, o que propomos a fazer é propiciar uma nova leitura ou até mesmo aproximar educadores e os próprios alunos do re (conhecimento) lingüístico em estudo.

Salvaguardando-se que o resultado deste estudo aqui apresentados, possuem o caráter de investigação e podem evidenciar algumas outras considerações.

A Teoria de Variação Lingüística de Labov (1972), permitiu uma análise-descrição e explicação adequada para o processo de alternância fônica do ditongo nasal /ãw/ que se realiza /aw/, /õw/ e /ũw/ nos textos orais dos informantes bilíngües de terceira idade de Treze de Maio (SC).

Ficou confirmado também através da análise das variáveis extralingüísticas de contro-

le destes pequenos grupos de informantes, a prevalência da alternância /õw/ como rística lingüística do italiano de Treze de Maio, tanto no que se refere as variáveis: de sexo, escolaridade e idade em vocábulos monossílabos e no final de vocábulos oxítonos.

Através da análise das interlocuções, constatou-se que realmente a forma menos atuante nos informantes é aquela tida como padrão /ãw/, principalmente nos informantes de terceira idade nos contextos de ensino-aprendizagem das escolas e que é a mais comum nos falantes não- bilíngües.

Diante do estudo realizado constatou-se que os professores das escolas públicas do estado têm como material norteador do seu trabalho em sala de aula, o livro intitulado Proposta Curricular de SC (1998), que acreditamos não poder mais ser apenas “proposta” como o nome diz, mas que dever ser aprovado como um documento que necessariamente deve ser incorporado na prática pedagógica. Pois, conforme podemos observar através dos dados da pesquisa, o ensino da língua portuguesa padrão, como forma unificada não se sustenta, ela precisa ser ensinada sim, mas as raízes culturais lingüísticas dos alunos também tem seu valor e vão muito além do que a teoria propõem nos livros didáticos.

A gramática normativa que ainda está prevalecendo nas Unidades Escolares, não responde mais as necessidades atuais da complexidade do mundo das línguas. É necessário elaborarmos uma gramática descritiva que possa ser adequada nas diversas regiões do Brasil, a qual apresente em seu corpo teórico a flexibilidade das variações, respeitando as particularidades regionais de fala, não esquecendo de que a língua padrão jamais será ignorada.

O que se pode notar é que as características básicas de uma língua padrão (língua portuguesa) jamais podem ser ignoradas, pois ela tem seu valor histórico e caracteriza um grupo de fala.

Nossos informantes, do grupo de faixa etária entre 65 anos e 83 anos são ainda usuários ativos da língua portuguesa, porém não há como ignorar a grande contribuição dos mes-

mos no presente estudo através do registro oral (da língua italiana) no uso da variável do fenômeno em estudo: as variantes do ditongo nasal /ãw/.

A contribuição na área da sociolinguística é a de que é preciso levar a informação aos alunos, professores e demais pessoas que se interessem pelo estudo da língua de que a pessoa que não utiliza a forma padrão para se comunicar, não é “ridícula” e nem “fala errado” e que muito menos deva ser desprezada. Porém, a sociedade brasileira ainda tem essa cultura.

Veja o que diz BORTONI-RICARDO, 2005 sobre isto:

“No Brasil, as diferenças lingüísticas socialmente condicionadas não são seriamente levadas em conta. A escola é norteada para ensinar a língua culta dominante; tudo o que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado. O ensino sistemático da língua é de fato uma atividade impositiva.”.(BORTONI-RICARDO, 2005, p.14)

Estes problemas vivenciados na escola pelos descendentes de outras etnias e mais especificamente, no nosso caso os descendentes de italianos, podem trazer inúmeras consequências na formação lingüística dos jovens que freqüentam os bancos escolares. BORTONI – RICARDO ressalta que:

“No caso brasileiro, o ensino da língua culta à grande parcela da população que tem como língua materna – do lar e da vizinhança – variedades populares da língua tem pelo menos duas conseqüências desastrosas: não são respeitados os antecedentes culturais e lingüísticos do educando, o que contribui para desenvolver nele um sentimento de insegurança, nem lhe é ensinada de forma eficiente a lingua-padrão”.(BORTONI – RICARDO, 2005, p.15).

Este autor se preocupa com a formação e a informação que a escola fornece aos seus alunos, pois a forma em que a linguagem é trabalhada em sala de aula pode trazer consequências que mais tarde refletirá diretamente nas na própria sociedade. Mesmo na escola o aluno precisa saber que não existe apenas uma única forma de se comunicar, e que a língua está diretamente ligada a cultura de cada um. Segundo Bortoni- Ricardo:

“A escola não pode ignorar as diferenças sociolingüísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem de propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. Algumas conferem prestígio ao falante, aumentando-lhe a credibilidade e o poder de persuasão; outras contribuem para formar-lhe uma imagem negativa, diminuindo-lhe as oportunidades. Há que se ter em conta ainda que essas reações dependem das circunstâncias que cercam a interação. Os alunos que chegam à escola falando “nós cheguemu”, “abrido”, e “ele drome” por exemplo, têm que ser respeitados e ver valorizadas as suas peculiaridades lingüístico-culturais, mas têm o direito inalienável de aprender as variantes do prestígio dessas expressões. Não se lhes pode negar esse conhecimento, sob pena de se fecharem para eles as portas, já estreitas, da ascensão social. O caminho para uma democracia é a distribuição justa de bens culturais, entre os quais a língua é o mais importante”.(BORTONI – RICARDO, 2005, p.15)”.

Preocupada em desenvolver uma pesquisa que pudesse vir a contribuir para uma melhor qualidade de ensino de línguas no Brasil, com menos preconceito e contribuir para a formação de educadores com um melhor conhecimento lingüístico foi a proposta desenvolvida por mim neste estudo. Esta pesquisa envolveu estudos sociolingüísticos voltados para a área das sociedades multilíngües ou multidialetais, buscando através do passado e do bilinguismo de nossos informantes, explicações para a alternância fônica do ditongo nasal /ãw/, que não faz parte da chamada língua – padrão, mas que está viva e muito presente em nossa comunidade precisando ser revelada não como forma errônea de fala, mas como variedade lingüística que prevalece no contexto familiar de uma grande maioria da população do município de Treze de Maio (SC).

O termo ‘sociolinguística’ para muitos, inclusive profissionais da educação, não passa de uma simples palavra desconhecida.

Este envolvimento da sociolingüística na área da educação não é algo recente como aparenta, ela vem contribuindo para o desenvolvimento da educação desde os anos 1970. Veja o que revela BORTONI – RICARDO (2005):

“A sociolinguística adquiriu, nos anos 1970, uma posição de vanguarda entre as ciências sociais que elegeram a questão educacional como objeto preferencial de sua reflexão. Um símbolo desse comprometimento é a publicação, em 1969, do artigo de William Labov: *The Logic of Nonstandard English* (Labov, 1972b).” (BORTONI – RICARDO, 2005, p.113).

Ainda tratando-se do envolvimento dos estudos da linguagem que vem se destacando pela preocupação em analisar situações de uso, desenvolver pesquisas na área da linguagem, reforçamos a importância desta pesquisa através das palavras de MATENCIO:

“...nas duas últimas décadas, os avanços da linguagem estimularam, internacionalmente, a realização de estudos sobre o funcionamento dos discursos – através da investigação de práticas e atividades discursivas -, de suas regularidades estruturais e interpretativas; por essa razão houve, por exemplo, um grande crescimento da pesquisa sobre textos orais, como atestam, no Brasil, a publicação dos volumes referentes ao projeto NURC e o projeto de elaboração de uma *Gramática do Português Falado*, cujos resultados são os primeiros de âmbito nacional.” (MATENCIO, 2001)

Assim como o trabalho de pesquisas em textos orais, nosso banco de dados também foi montado recentemente e pretende contribuir para outras pesquisas linguísticas.

Todo o material aqui coletado através dos recursos linguísticos naturais disponíveis através dos falantes e registrados através das *transcrições* torna-se a partir de agora um importante registro e instrumento na construção e entendimento da língua materna, bem como na educação de comunidades bilíngües.

Em se tratando de abordagens na área da linguagem, vários são os fatores que podem (ou não) influenciar uma determinada variação. Como vimos neste estudo, a sociolinguística não se limita aos estudos teóricos, como também na coleta de dados. Na verdade, a linguagem, para ser realmente compreendida, precisa ser estudada no contexto do comportamento social, percebendo-se assim as suas peculiaridades. Segundo Bortoni-Ricardo:

“A análise das características de rede de relações dos migrantes nos fornece certos indicadores que, no caso de algumas variáveis, funcionam como bons preditores do

comportamento lingüístico. Há que se observar, todavia, que todo o processo de ajustamento lingüístico e cultural do migrante à vida urbana é lento e que as variáveis lingüísticas de seu dialeto seguem cursos evolutivos diferenciados” (BORTONI – RICARDO, 2005, p.102).

O que podemos constatar é que toda a pesquisa de natureza sociolingüística que trata da fala de um grupo de falantes de uma comunidade étnica específica, como a dos imigrantes italianos, que se caracterizam como comunidades rurais, por exemplo, traçam laços dentro de uma própria comunidade, criando contextos particulares de usos de fala, uma vez que o ajustamento lingüístico e cultural à vida urbana dos não-descendentes de imigrantes é lento e gradual. Daí a importância de pesquisas de mapeamento bilíngüe, através de indicadores e/ou contextos particulares de análise e descrição de falas reais, e que venham a justificar um comportamento dentro de uma comunidade lingüística, no caso de Treze de Maio (SC), uma comunidade bilíngüe.

Assim, espero ter demonstrado que esta pesquisa é importante, de fato, para os trabalhos de linguagem que envolvam a interação em sala de aula entre descendentes de terceira idade de Treze de Maio e não-descendentes (de toda faixa etária), bem como contribuir para a formação de professores bem mais aptos a desenvolver um trabalho interessante com a diversidade lingüística, tornando-se assim um processo de ensino aprendizagem menos preconceituoso a partir do estudo da descrição da ocorrência da alternância fônica do ditongo nasal /ãw/ que se realiza /aw/, /õw/ e /üw/ em informantes bilíngües de terceira idade no município de Treze de Maio (SC).

Como futuras pesquisas, pretendo ampliar a amostra de dados: além da ampliação do número de informantes, o número de região (ou microrregião) também. Por exemplo: desenvolver uma pesquisa que insira informantes residentes da zona urbana do pequeno município de Treze de Maio bem como das comunidades vizinhas deste município, para termos o mape-

amento lingüístico dos falantes ítalo-brasileiros desta grande região.



## REFERÊNCIAS

- ALVIN, Zuleika M. F. **Brava Gente!** São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 17-73.
- ATLAS VISUAL. O corpo humano e animais. Chile: Ed. Amereida, 1995. pp 40-41)  
(Encarte especial para circular no Diário Catarinense)
- AUROUX, Sylvian. *Filosofia da Linguagem*. Ed. Unicamp, 1998.
- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália – novela sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2000.
- BAGNO, Stubbs e Cabine. **Língua materna – livramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.
- BISOL, Leda (Org.). *A variação no sistema*. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, 2000.
- BORTONI –RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemos na escola, e agora?: sociolinguística & educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- CAGLIARI, Luiz Carlos & MASSINI-CAGLIARI, Gladis (Orgs.) ‘Fonética’. In: BENTES, Anna Christina & MUSSALIN, Fernanda. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v.1-São Paulo: Cortez, 2001
- CALVET, Loius-Jean. **Sociolinguística – uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMARA, Joaquim M. **História da Linguística**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- \_\_\_\_\_. **Manual de expressão oral e escrita**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- CASTILHO, Ataliba T. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1988.
- CHAMBERS, JK & TRUDGILL, Peter (1993). **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press. In: MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

- COTRIM, Gilberto: **História e consciência do Brasil, 2: da independência aos dias atuais**: São Paulo. Editora Saraiva, 1996.
- COUTO, Hildo H. **Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins**. Brasília: UnB. 1996.
- DUBOIS *et al.* **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1986.
- DIAS, Almerinda Tereza Bianca Bez Batti. **(Não) realização do fonema (R) em final de palavras em textos orais de informantes em fase de aquisição da linguagem- estudo de caso**. 2004 (Dissertação Mestrado em Ciências da Linguagem) disponível no site [www3.unisul.br/linguagem](http://www3.unisul.br/linguagem)
- DILLINGER, Mike. **Forma e função na lingüística**. São Paulo: Delta, 1987.
- ÊLIA, Sílvio. **Sociolingüística – uma introdução**. Rio de Janeiro: EDUFF, 1987.
- FAIRCLOUGH, Normam. **Discurso social e mudança**. Brasília: UnB, 2001.
- FARACO, Carlos A. **Lingüística histórica**. São Paulo: Ática, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Português: Língua e cultura**. Ensino Médio, volume único. Curitiba: Base Editora
- \_\_\_\_\_. (Org). **Estrangeirismos – guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola, 2001.
- FÁVERI, Marlene de. **Memória de uma (outra) guerra. Cotidiano e medo durante a Segunda Guerra Mundial em Santa Catarina**. Florianópolis 2002. Tese (Doutorado em História)- Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. *Apud*:ROCHA: Simone. **O poder da linguagem na Era Vargas: o abasileiramento do imigrante**. No prelo. Artigo apresentado como conclusão da disciplina de Filosofia da Linguagem do Mestrado em Ciências da Linguagem da UNISUL, 2004
- FURLANETTO, Maria Marta. **Gêneros do discurso – da teoria à prática escolar**. Mesa-redonda sobre gêneros do discurso – SEPEX/UFSC – Florianópolis, junho de 2002.
- \_\_\_\_\_. **Não se usa vírgula entre o sujeito e o predicado?** Florianópolis. Disponível em <http://agatha.treeservers.com/virgula.html>. Acesso em 18 set. 2004.

GNEREE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GORSKI, Edair. Motivações discursivas em competição na ordenação de orações temporais. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, mar. 2000.

HEYE, Jürgen. **Multilingualism and Language Maintenance in the Canton of Ticino, Switzerland**. Haia : Mouton, 1974

KASSAI, Georges. La différence sexuelle dans le langage et ses interpretations. *In*. Contrastes- La différence sexuelle dans le langage. (Actes du Coloque de L' Association pour le Développement des Études Contrastives). Université Paris III, 1998. *Apud* MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

KATO, Mary. **No mundo da escrita – uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1999.

\_\_\_\_\_. **Formas de funcionamento da sintaxe**. São Paulo: Delta, 1998.

KNIES, Clarice. (Org). **Manual do usuário do banco de dados lingüísticos do “VARSUL”**. Curitiba: UFPR, 1996.

KOCH, Walter *et al* (Orgs.). **ALERS – Atlas lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil**. Co-edição: UFRGS, UFSC e UFPR, 2002. <http://www.ufrgs.br/editora/alers.htm>. Acesso em 15 de março de 2005.

KOSHIBA, Luís. **História do Brasil**. São Paulo. Editora Atual, 1979.

LABOV, William. **Principles of Linguistic Change**. Oxford: Blackwell Publishers, v.1633p.

1994. *In*: MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Sociolinguistics patterns**. Philadelphia: Pennsylvania, 1972.

\_\_\_\_\_. **Where does the linguistic variable stop?** Texas, 1978.

\_\_\_\_\_. Building on empirical foundations. *In*: LEHMANN, W. P. e MALKIEL, Y. (Eds.) **Perspectives on Historical Linguistics II**. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamin Publishing Company, 1982.

\_\_\_\_\_. **Principles of Linguistic Change**. Oxford: Blackwell Publishers. v. 1

LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da lingüística moderna**. São Paulo: Parábola 2004

\_\_\_\_\_. **Principles of Linguistic Change**. Cambridge: Black Well, 1978.

MARCUSCHI, Luiz A. **Concepção de língua falada nos manuais de português de 1º e 2º graus: uma visão crítica**. Campinas: UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. **Da fala para a escrita**. São Paulo: Cortez, 2001.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles: **Estudo da língua falada e aula de língua materna: uma abordagem processual da interação professores/alunos**. Campinas, Mercado das Letras, 2001.

MENON, Odete Pereira da Silva: Gerundismo? **Língua(gem)** – Variação e mudança lingüística. Macapá: ILAPEC. V. 1, N. 2 – Jul/Dez/2004.

MOLLICA, Maria C. (Org). **Introdução à Sociolingüística Variacionista**. Rio de Janeiro: UFRJ.1992.

MONTEIRO, José L. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MORI, Angel Corbera. 'Fonologia'. In: BENTES,Anna Christina & MUSSALIN, Fernanda. **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras,v.1**-São Paulo: Cortez, 2001

MOURA, Heronides M. M., SILVA, Fábio L. **O direito à fala**. Florianópolis: Insular, 2001.

MUSSALIN, Fernanda, BENTES, Anna Christina (Orgs.) **Introdução à lingüística** – Domínios e fronteiras. Vols. 1 e 2. São Paulo: Cortez, 2001.

OLIVEIRA, Gilvan. Brasileiro fala português: monolingüismo e preconceito lingüístico. In: SILVA, F. L. da & MOURA, H. M. M. **O direito à fala** – a questão do preconceito lingüístico. Florianópolis, Insular, 2000.

PERINI, Mauro A. **Sofrendo a gramática**. São Paulo: Ática, 2001.

PEREIRA, Gerusa. **Monotongação dos ditongos /aj/, /ej/, /ow/ no português falado em Tubarão (SC); estudos de casos.** 2004 (Dissertação Mestrado em Ciências da Linguagem) disponível no site [www3.unisul.br/linguagem](http://www3.unisul.br/linguagem)

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. (Org). Sobre o ensino de português na escola. **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 2000.

PROJETO VARSUL. **Manual do usuário do Banco de Dados Lingüísticos do “VARSUL”** Curitiba: UFPR, 1996.

RAUEN, Fábio José. **Elementos de iniciação à pesquisa.** Rio do Sul, SC: Nova Era, 1999.

REIS, Mariléia Silva dos. **Atos de fala não-declarativos de comando na expressão do imperativo: a dimensão estilística da variação sob um olhar funcionalista.** Florianópolis 2003. Tese (Doutorado em Lingüística) - Universidade Federal de Santa Catarina.

ROCHA, Simone. **O poder da linguagem na Era de Vargas: o abraileiramento do imigrante.** No prelo. Artigo apresentado como conclusão da disciplina de Filosofia da Linguagem do Mestrado em Ciências da Linguagem da UNISUL, 2004.

RONCARATI, Cláudia. (Org.) **Português Brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história.** Rio de Janeiro: 7 letras, 2003.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina:** Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: disciplinas curriculares. Florianópolis: COGEN, 1998.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Estudos Temáticos.** Florianópolis: COGEN, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Lingüística Geral.** São Paulo: Cultrix, 1979.

SCHMIDT, Mário Furley. **Nova história crítica do Brasil: 500 anos de história malcontada.** São Paulo. Editora Nova Geração, 1997.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola – uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1999.

TARALLO, Fernando. **Tempos lingüísticos – itinerário histórico da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 1994.

\_\_\_\_\_. **A Pesquisa sócio-lingüística**. São Paulo: Ática, 1986.

VANDRESEN, Paulino. **Investigando a linguagem**. “Variação e mudança nas consoantes pós-vocalicas no português falado na região sul”. Florianópolis: Mulheres, 1999.

VICENTINO, Cláudio. **História Integrada: o século XX: Brasil Geral**. São Paulo: Scipione, 1995

WEEDWOOD, Bárbara. **História concisa da lingüística**. São Paulo: Parábola, 2002

**A língua portuguesa nas disposições legais**<<http://www.linguateca.pt/Faulstich.html>>  
Acesso em 15 de março de 2005.



## ANEXO B – MAPA DA REGIÃO SUL DE SANTA CATARINA

### TREZE DE MAIO (SC) –LOCALIZAÇÃO E CARACTERÍSTICAS





**ANEXO C - PROJETO ALERS****Atlas lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil  
(ALERS)**

O Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) é parte de um estudo descritivista do português falado na região Sul do Brasil. A gênese dos mapas envolveu longas viagens de campo para os lugares mais recônditos da área em estudo, representada pelo Rio Grande do Sul (com 95 pontos de inquérito), Santa Catarina (80 pontos) e Paraná (100 pontos). O ALERS é hoje, aliás, o único Atlas lingüístico brasileiro a abranger mais de um Estado federativo, fato que lhe confere a possibilidade de delimitar áreas lingüísticas para além dos limites políticos interestaduais. A coleta e transcrição dos dados, obtidos através da aplicação de três questionários básicos (fonético-fonológico, morfossintático e semântico-lexical), acrescidos de gravações de conversas livres, resultou em um banco de cerca de 300 mil dados orais de 275 pontos de inquérito, aos quais se somam ainda os dados obtidos de 19 pontos urbanos, para análise da variação diastrática. Dispõe-se, desta maneira, de um valioso banco de dados lingüísticos, representativo, sobretudo da variedade do português falado pela população rural de baixa escolaridade, na Região Sul do Brasil. Não obstante as múltiplas potencialidades de utilização do banco ALERS, restringiu-se a pesquisa, até o momento, à finalidade principal de cartografia dos dados lingüísticos e sua disponibilização em forma de atlas. O ALERS busca registrar em cada ponto de inquérito a variante lingüística com maior probabilidade de ser a mais freqüente e mais representativa da localidade, não significando de modo algum que seja a única. A partir da publicação dos dois primeiros volumes, incluindo cartas fonéticas e morfossintáticas (v. 2), projetam-se já os volumes relativos ao léxico, em quantidade que dependerá do número de variáveis a serem selecionadas e da divisão dos volumes conforme os campos semânticos enfocados. Por fim, vale destacar a contribuição do ALERS para o conhecimento mais amplo da realidade sociocultural e lingüística do Sul do Brasil, em especial nos estudos de “variação e mudança lingüística” e de “bilingüismo e línguas em contato”. Ao apontar, através da macroanálise do uso da língua no espaço, áreas de variação do português, o ALERS fornece subsídios importantes para questões centrais como a melhoria do

ensino de línguas, a história de ocupação do território, o pluralismo étnico-cultural e a política lingüística e educacional. Por isso, consideram-se como usuários em potencial do Atlas não apenas estudiosos da área de lingüística e pesquisadores com os mais variados interesses, mas também professores, administradores da cultura e da educação ou simplesmente curiosos da língua. O Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil, ALERS, configura-se como um projeto interinstitucional, executado com o apoio do CNPq, FINEP, FAPERGS e das três universidades federais envolvidas, respectivamente do Rio Grande do Sul (UFRGS), Santa Catarina (UFSC) e Paraná (UFPR). A coordenação geral do ALERS encontra-se, desde seu início, no Instituto de Letras da UFRGS, onde são reunidos os dados dos três Estados e elaboradas a cartografia, editoração e publicação do Atlas.

Coordenador Geral do Projeto (até março de 2000): Walter Koch (UFRGS).

Coordenador Geral do Projeto (a partir de março de 2000): Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS).

Coordenador da Equipe ALERS-RS: Mário Silfredo Klassmann (UFRGS).

Coordenador da Equipe ALERS-PR: José Luiz da Veiga Mercer (UFPR).

Coordenador da Equipe ALERS-SC (desligou-se do Projeto em 1996): Oswaldo Antônio Furlan (UFSC).

Coordenador da Equipe ALERS-SC (a partir de 1996): Hilda Gomes Vieira (UFSC).

Fonte: <http://www.ufrgs.br/editora/alers.Htm>

**ANEXO D- AMOSTRA DE DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS DO DITONGO**

DADOS DOS INFORMANTES		Vocábulos	Nº de ocorrências	Contexto Lingüístico		Realização fonética do ditongo nasal [ãw]			
Escolaridade	Idade			Contexto anterior ao ditongo	Contexto posterior ao ditongo: FINAL DE PALAVRA	[ãw]	[áw]	[õw]	[üw]
<b>Informante 1 da Fita 1 (<i>Dados da informante 1 não considerados</i>)</b>									
		Vom	4	/v/	100%			x	
		Náum	2	/n/	100%		x		
		Nom	1	/n/	100%			x	
		Num	2	/n/	100%				x
		Intom	1	/t/	100%			x	
<b>Informante 2 da Fita 1</b>									
Primário incompleto	84 anos	Náum	9	/n/	100%		X		
		Nom	7	/n/	100%			X	
		Num	15	/n/	100%				X
		Entom	9	/t/	100%			X	
		Entáum	2	/t/	100%		x		
		Criaçáum	1	/s/	100%		x		
		Sáum	1	/s/	100%		x		
		Juon	1	/u/	100%				x
		Não	1	/n/	100%	x			
		Von	4	/v/	100%			x	
<b>Informante 3 da Fita 1</b>									
Analfabeta	74 anos	Náum	1	/n/	100%		x		
		Nom	1	/n/	100%			x	
		Num	1	/n/	100%				x

Quadro 5: Distribuição das ocorrências do ditongo /ãw/~ /aw/, /õw/, /üw/ na entrevista com os informantes da fita 1.

DADOS DOS INFORMANTES		Vocábulos	Nº de ocorrências	Contexto Lingüístico		Realização fonética do ditongo nasal [ãw]			
Escolaridade	Idade			Contexto anterior ao ditongo	Contexto posterior ao ditongo: FINAL DE PALAVRA	[ãw]	[áw]	[õw]	[ũw]
<b>Informante 1 da Fita 2 (Dados da informante 1 não considerados)</b>									
Primário Incompleto	78	Non	15	n	100%			X	
		Enton	06	t	100%			X	
		Naum	02	n	100%		X		
		não	01	n	100%	X			
		Num	04	n	100%				X
		Von	01	v	100%			X	
<b>Informante 2 da Fita 2</b>									
Primário Incompleto	66	Nom	08	n	100%			X	
		Num	01	n	100%				X
		não	01	n	100%	X			
<b>Informante 3 da Fita 2</b>									
Primário Incompleto	65	Naum	01	n	100%				X
		vão	01	n	100%	X			
		Enton	03	t	100%			X	
		Non	12	n	100%			X	
		Von	01	v	100%			X	
		Num	01	n	100%				X
		Poron	01	r	100%			X	
		Tubaron	01	r	100%			X	
		Milhon	01	h	100%			X	

Quadro 6: Distribuição das ocorrências do ditongo /ãw/~ /aw/, /õw/, /ũw/ na entrevista com os Informantes da fita 2

DADOS DOS INFORMANTES		Vocábulos	Nº de ocorrências	Contexto Lingüístico		Realização fonética do ditongo nasal [ãw]			
Escolaridade	Idade			Contexto anterior ao ditongo	Contexto posterior ao ditongo: FINAL DE PALAVRA	[ãw]	[áw]	[õw]	[ũw]
<b>Informante 1 da Fita 3 (Os dados da informante 1 foram considerados apenas uma vez no somatório de dados para análise). Foram considerados os dados desta entrevista.</b>									
Primário Incompleto	78	Ton	03	t	100%			X	
		Enton	07	t	100%			X	
		Non	16	n	100%			X	
		Televison	01	s	100%			X	
		Previson	01	s	100%			X	
		Num	02	n	100%				X
		Naum	06	n	100%		X		
		não	03	n	100%			X	
		Barrancon	01	c	100%			X	
		Son	01	s	100%			X	
		Joon	01	j	100%			X	
Barrancaum	01	c	100%		X				
<b>Informante 2 da Fita 3</b>									
Primário Incompleto	71	Caloron	02	r	100%			X	
		Non	24	n	100%			X	
		Enton	04	t	100%			X	
		Televison	02	s	100%			X	
		Taum	01	t	100%		X		
		Chon	01	h	100%			X	
		Raspon	01	p	100%			X	
		Naum	08	n	100%		X		
		Num	02	n	100%				X
		Son	02	s	100%			X	
		Joon	02	j	100%			X	
		Não	05	n	100%	X			
		Alimentaçon	01	t	100%			X	
		Pon	01	p	100%			X	
		Ton	01	t	100%			X	
Criaçon	01	ç	100%			X			

Quadro 7: Distribuição das ocorrências do ditongo /ãw/~ /aw/, /õw/, /ũw/ na entrevista com os Informantes da Fita 3

DADOS DOS IN-FORMANTES		Vocábulos	Nº de ocorrências	Contexto Lingüístico		Realização fonética do ditongo nasal [ãw]			
Escolaridade	Idade			Contexto anterior ao ditongo	Contexto posterior ao ditongo: FINAL DE PALAVRA	[ãw]	[áw]	[õw]	[ũw]
<b>Informante 1 da Fita 4</b>									
Primário Incompleto	78	Non	15	n	100%			x	
		Televisão	01	s	100%	x			
		Naum	02	n	100%		x		
		Enton	02	t	100%			x	
		Não	03	n	100%		x		
		Ton	01	t	100%			x	
		Piron	02	r	100%			x	
		Num	01	n	100%				x
Purçaum	01	ç	100%					x	
<b>Informante 2 da Fita 4</b>									
Primário Incompleto	73	Grandon	01	d	100%			x	
		Enton	04	t	100%			x	
		Non	13	n	100%			x	
		Ton	01	t	100%			x	
		Num	03	n	100%				x
		Naum	03	n	100%		x		
		Joon	01	j	100%			x	
<b>Informante 3 da Fita 4</b>									
Analfabeta	76	Salon	03	l	100%			x	
		Nom	06	n	100%			x	
		Naum	02	n	100%		x		
		coraçaum	01	ç	100%		x		
		Enton	01	t	100%			x	
		Piron	02	r	100%			x	
		Pirão	01	r	100%	x			

Quadro 08: Distribuição das ocorrências do ditongo /ãw/~ /aw/, /õw/, /ũw/ na entrevista com os Informantes da fita 4

**ANEXO E– AMOSTRA DE DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS DOS DITONGOS NA INTERLOCUÇÃO COM OS DEMAIS INFORMANTES**

<b>INFORMANTE 1</b>		
Idade: 78 ANOS	Escolaridade: PRIMÁRIO IN-COMPLETO	Sexo: FEMININO
<b>DITONGOS</b>	<b>OCORRÊNCIAS</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
[ãw]	-	-
[áw]	02	20%
[ôw]	06	60%
[ûw]	02	20%
<b>TOTAL</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>
<b>INFORMANTE 2</b>		
Idade: 80 ANOS	Escolaridade: PRIMÁRIO IN-COMPLETO	Sexo: MASCULINO
<b>DITONGOS</b>	<b>OCORRÊNCIAS</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
[ãw]	01	2%
[áw]	13	26%
[ôw]	21	42%
[ûw]	15	30%
<b>TOTAL</b>	<b>50</b>	<b>100%</b>
<b>INFORMANTE 3</b>		
Idade: 74 ANOS	Escolaridade: ANALFABETA	Sexo: FEMININO
<b>DITONGOS</b>	<b>OCORRÊNCIAS</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
[ãw]	-	-
[áw]	01	33,3 %
[ôw]	01	33,3 %
[ûw]	01	33,3 %
<b>TOTAL</b>	<b>03</b>	<b>100%</b>

**QUADRO 09 – OCORRÊNCIA DAS ALTERNÂNCIAS DO INFORMANTE 1 NA INTERLOCUÇÃO COM OS INFORMANTES 2 E 3**

INFORMANTE 1		
Idade: 78 ANOS	Escolaridade: PRIMÁRIO IN-COMPLETO	Sexo: FEMININO
DITONGOS	OCORRÊNCIAS	PORCENTAGEM
[ãw]	01	3,4 %
[áw]	02	6,9 %
[õw]	22	75,9 %
[ûw]	04	13,8 %
TOTAL	29	100 %
INFORMANTE 4 TABELA GERAL		
Idade: 66 ANOS	Escolaridade: PRIMÁRIO IN-COMPLETO	Sexo: FEMININO
DITONGOS	OCORRÊNCIAS	PORCENTAGEM
[ãw]	01	10 %
[áw]	-	-
[õw]	08	80 %
[ûw]	01	10 %
TOTAL	10	100%
INFORMANTE 5		
Idade: 65 ANOS	Escolaridade: PRIMÁRIO IN-COMPLETO	Sexo: MASCULINO
DITONGOS	OCORRÊNCIAS	PORCENTAGEM
[ãw]	01	4,5%
[áw]	01	4,5%
[õw]	19	86,3%
[ûw]	01	4,5%
TOTAL	22	100%

**QUADRO 10**–OCORRÊNCIA DAS ALTERNÂNCIAS DO INFORMANTE 2 NA INTERLOCUÇÃO COM OS INFORMANTES 4 E 5



INFORMANTE 1		
Idade: 78 ANOS	Escolaridade: PRIMÁRIO IN-COMPLETO	Sexo: FEMININO
DITONGOS	OCORRÊNCIAS	PORCENTAGEM
[ãw]	03	6,8%
[áw]	7	15%
[õw]	32	72,7%
[ûw]	2	4,5%
TOTAL	44	100%
INFORMANTE 6		
Idade: 71 ANOS	Escolaridade: PRIMÁRIO IN-COMPLETO	Sexo: FEMININO
DITONGOS	OCORRÊNCIAS	PORCENTAGEM
[ãw]	5	8,6%
[áw]	9	15,5%
[õw]	42	72,4%
[ûw]	2	3,4%
TOTAL	58	

**QUADRO 11-** DISTRIBUIÇÃO DAS ALTERNÂNCIAS DO INFORMANTE 1 NA INTERLOCUÇÃO COM O INFORMANTE 6

INFORMANTE 1		
Idade: 78 ANOS	Escolaridade: PRIMÁRIO IN-COMPLETO	Sexo: FEMININO
DITONGOS	OCORRÊNCIAS	PORCENTAGEM
[ãw]	04	14,2%
[áw]	03	10,7%
[õw]	20	71,5%
[ûw]	01	3,6%
TOTAL	28	100%
INFORMANTE 7		
Idade: 73 ANOS	Escolaridade: PRIMÁRIO IN-COMPLETO	Sexo: FEMININO
DITONGOS	OCORRÊNCIAS	PORCENTAGEM
[ãw]	-	-
[áw]	3	12%
[õw]	19	76%
[ûw]	03	12%
TOTAL	25	100 %
INFORMANTE 8		
Idade: 76 ANOS	Escolaridade: ANALFABETA	Sexo: FEMININO
DITONGOS	OCORRÊNCIAS	PORCENTAGEM
[ãw]	01	6,2 %
[áw]	03	18,8
[õw]	12	75 %
[ûw]	-	-
TOTAL	16	100 %

**QUADRO 12:** DISTRIBUIÇÃO DAS ALTERNÂNCIAS DO INFORMANTE 1 NA INTERLOCUÇÃO COM O INFORMANTE 7 E 8

**ANEXO F- DADOS PESSOAIS DOS INFORMANTES DE TERCEIRA IDADE*****Informante 1: BRIGIDA DE BIASI NANDI***

Data de nascimento: 09/04/1927

Nascimento: Rio Cintra – Santa Cruz

Pai: João de Biasi

Mãe: Olinda Pêliser

***Informante 2: FLORINDO ZANELATO***

Data de nascimento: 31/09/1922

Nascimento: São João de Azambuja

Pai: Luiz Zanelato

Mãe: Luiza Pinhatel

***Informante 3: ENTALVINA LUCA ZANELATO***

Data de Nascimento: 02/01/1931

Nascimento: Monte Alegre –TM

Pai: Paulo Luca

Mãe: Maria Formentin

***Informante 4: NAIR SORATO MARCON***

Data de Nascimento: 05/12/1939

Nascimento: São João de Azambuja

Pai: Augusto Sorato

Mãe: Josefina Bez Fontana

***Informante 5: ISAURO MARCON***

Data de Nascimento: 13/01/1940

Nascimento: Rio Cintra –Santa Cruz

Pai: João Marcon

Mãe: Angêlina Marcon Dela Bruna

***Informante 6: ANITA NOGAREDO BARDINI***

Data de Nascimento: 12/02/1934

Nascimento: Linha Caipora hoje Vila Maria –TM

Pai : Carlos Nogaredo

Mãe: Libera Bardini Nogaredo

***Informante 7: FRANCISCO BOSQUETI MACHADO***

Data de Nascimento: 27/12/1932

Nascimento: Treze de Maio

Pai: Antonio Virginio Machado

Mãe: Camélia Bosqueti

***Informante 8: ALEONOR ZANELA MACHADO***

Data de Nascimento: 12/07/1929

Nascimento: Santa Cruz –Treze de Maio

Pai: Salvato Zanela

Mãe: Augusta de Biasi